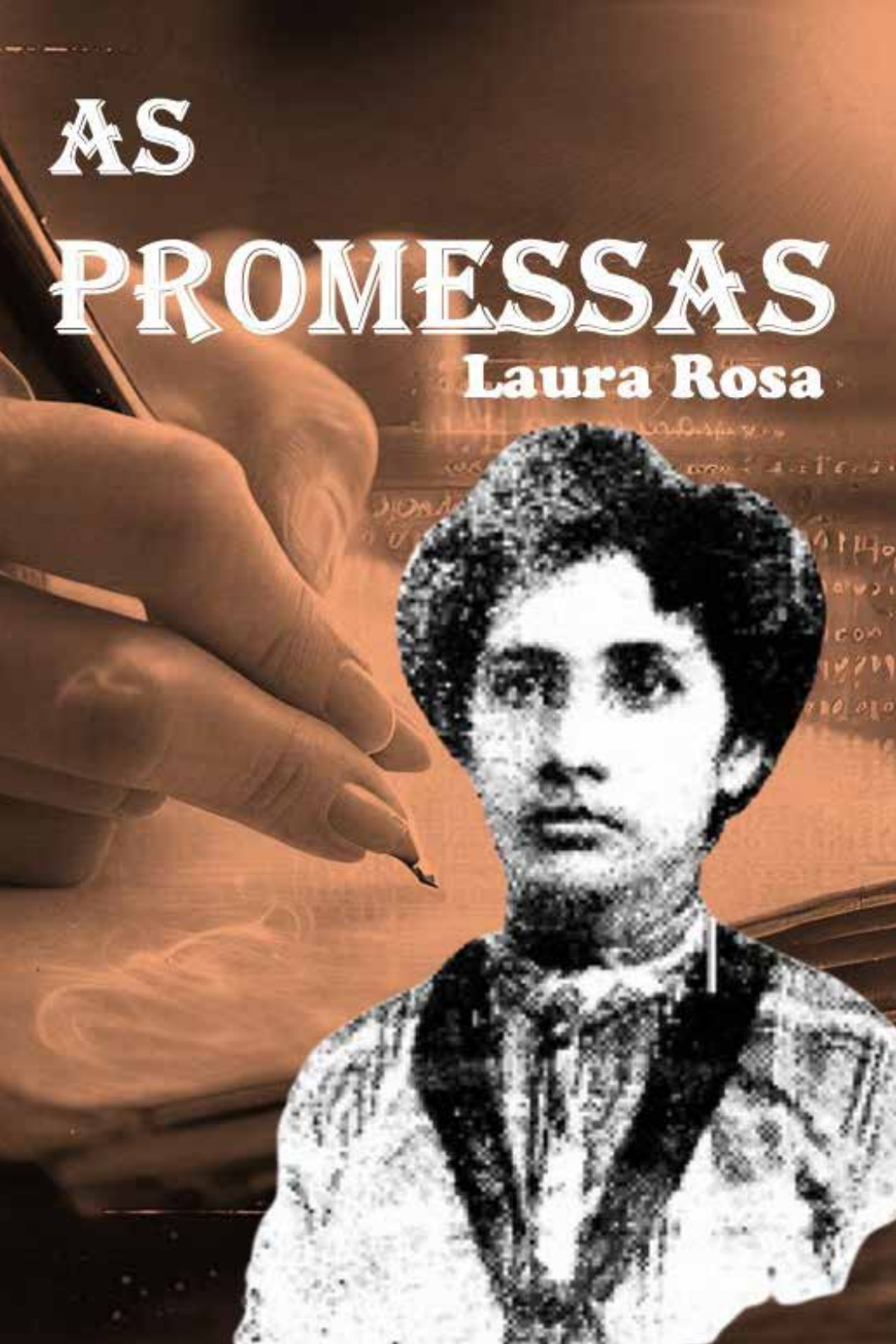
AS PROMESSAS

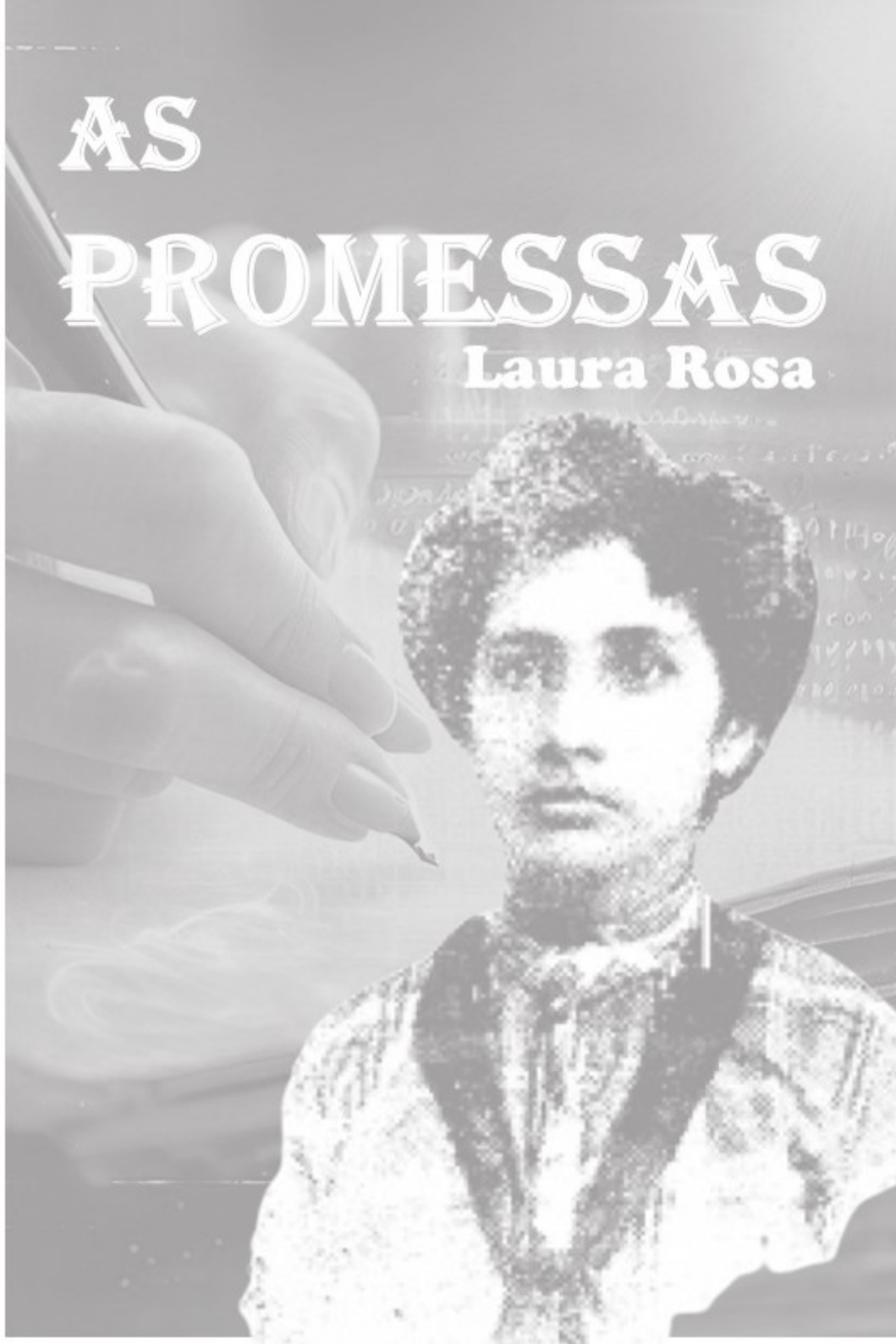
Laura Rosa



Autógrafo/dedicatória de Laura Rosa

AS PROMESSAS

Laura Rosa



LAURA ROSA

AS PROMESSAS

2ª Edição

São Luís
2023

Edição organizada, atualizada e anotada por
José Neres

Autora
Laura Rosa

A 1º edição desta obra foi publicada pela Imprensa Oficial (Maranhão), em 1910

Projeto gráfico, diagramação, capa e revisão
José Neres

Ilustrações
Desenvolvidas por Inteligência Artificial

Uma realização do Grupo de Estudos em Literatura Maranhense - GELMA

Rosa, Laura (1884-1976)
As Promessas / Laura Rosa - 2ª ed. São Luís: Grupo de Estudos em Literatura Maranhense GELMA, 2023. - (E-book)

ISBN: 978-65-0075671-5

I. Conto brasileiro II. Título

CDD: B869-3

A edição desta obra não tem fins lucrativos e será disponibilizada na internet gratuitamente para pesquisadores e leitores em geral

Ao Sr.
Américo Vespúcio dos Reis,
o meu melhor amigo,
dedico o meu primeiro livro

SUMÁRIO

AS PROMESSAS DE LAURA ROSA 11
PREFÁCIO DA 1º EDIÇÃO 27
AS PROMESSAS 31
O DICO 43
D. ÁGUEDA 49
O GALO DA MISSA 61
A LOUCA DA FONTE 67
CONTO DO NATAL 81
NA PRAIA 89
O SOPRO DE DEUS 97
FRAGMENTO 109
TRÊS QUE ESPERAM 119
MISS. ROSA 129
O MEU PRIMEIRO CONTO 147

Uma das poucas imagens conhecidas de Laura Rosa
Fonte: Internet

AS PROMESSAS DE LAURA ROSA

José Neres [1]

INTRODUÇÃO

Trazemos de volta aos leitores o livro *As Promessas*, da escritora, professora e acadêmica Laura Rosa, que ficou conhecida no Maranhão mais por ser a primeira mulher a ser eleita e a tomar posse nos quadros da Academia Maranhense de Letras[2] do que por sua grande contribuição para a literatura e para a educação.

Este livro de contos, publicado originalmente, em 1910 encontrava-se praticamente esquecido e, para alguns pesquisadores seria uma obra irremediavelmente perdida, porém um único exemplar foi encontrado no acervo da referida Academia, registrado na biblioteca daquela Casa sob número 2.584,

1 Membro da Academia Maranhense de Letras (Cad. 36), da Academia Ludovicense de Letras (Cad. 38), da Academia Poética Brasileira (Cad. 04) e da Sobrames-MA. Graduado em Letras, História, Pedagogia e Design Editorial. Mestre em Educação, Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional. Membro dos Grupos de estudo Gelma e Formas e Poéticas do Contemporâneo

2 Segundo a Antologia da Academia Maranhense de Letras - Fundadores, organizada por Carlos Gaspar, Caroline Castro Licar e Claunísio Amorim Carvalho (Edições AML, 2023), antes de Laura Rosa, foi eleita para a AML, em 1935, a escritora Maria Luiza Lobo, mas ela não tomou posse, pois perdera os prazos regimentais. Sendo Então Laura Rosa a segunda mulher eleita pela AML, mas a primeira a tomar posse e efetivamente fazer parte dos quadros de membros da AML.

em 23 de outubro de 1991, conforme consta no carimbo institucional.

Em excelente estado de conservação, demonstrando que foi pouco manuseado nesses mais de cem anos de existência, o exemplar traz uma dedicatória de próprio punho da escritora com os seguintes dizeres:

> *À boa amiga d. Angélica mais uma prova da grande amizade que lhe consagra autora*
> *Laura Roza.*
> *S. Luiz - Maranhão 25 - 1 - 912.*

Localizado o exemplar, ele foi redigitado, a ortografia e a pontuação foram atualizadas, notas foram adicionadas e o texto foi novamente diagramado, desta feita com a adição de imagens elaboradas pela tecnologia da Inteligência Artificial.

Desta forma, o livro volta a circular por meios digitais e fica à disposição de leitores e pesquisadores

ERA UMA VEZ... UMA VIOLETA DO CAMPO[3]

Filha da senhora Cecília da Conceição Rosa com um cidadão que não assumiu a paternidade da criança, Laura Rosa nasceu em São Luís, no dia 1º de outubro de 1884, teve como padrinhos o casal formado pelo Dr. Antenor Coelho de Souza e a professora Lucília Wilson Coelho de Souza. Esse contato favoreceu sua formação intelectual, que foi fortalecida por

3 Violeta do Campo foi o pseudônimo utilizado por Laura Rosa em diversos poemas

imersões no mundo da leitura e por uma ativa colaboração em jornais e revistas[4].

No final de 1909, ela concluiu as aulas do Curso de Normal, colando grau no ano seguinte. Logo após o fim de suas aulas, foi convidada para ser uma das conferencistas de um evento comemorativo pelo 130º aniversário de fundação da Biblioteca Pública. Na ocasião, apresentou um trabalho intitulado "As Crianças", no qual traçou um breve perfil histórico de como as crianças eram educadas ao longo dos tempos em diversas sociedades. No segundo momento, dava conselhos relativos a como as mães deveriam cuidar de seus filhos.

No ano seguinte, em 1910, publicou o livro de contos intitulado "As Promessas". Segundo informações registradas na época do lançamento, os textos dessa obra eram dirigidos tanto ao público adulto quanto ao juvenil. Com narrativas que conduziam a um fundo de moralidade e de noções sobre educação.

Logo após sua formatura, Laura Rosa passou em um concurso e foi designada para lecionar em uma escola mista no município de Caxias, onde ficou por alguns anos e estabeleceu muitos laços afetivos e profissionais. Depois conseguiu transferência para sua cidade de origem, onde ministrou aula por anos, até sua aposentadoria em 1944. Após o falecimento de sua madrinha, retornou para Caxias, onde novamente foi muito bem recebida e onde veio a falecer, no dia 14 de outubro de 1976, aos 92 anos.

4 Retomamos aqui, com diversas modificações e ajustes, nosso artigo intitulado *Laura Rosa, Nossa Violeta do Campo*, que foi publicado em, 20 de julho de 2022, no site Região Tocantina. https://regiaotocantina.com.br/2022/07/20/laura-rosa-nossa-violeta-do-campo/. Acesso em 20.07.2023.

Os trabalhos de Laura Rosa permaneceram no ostracismo durante muito tempo. Até que a professora Diomar das Graças Motta, em sua tese de doutoramento estudou a autora e recuperou parte da obra e da biografia da escritora, recolhendo, posteriormente, e publicando em forma de livro a conferência "*As Crianças*" (Edufma, 2017, 53 páginas) e alguns de seus poemas dispersos em jornais e revistas, sob o título de "*Poesia Reunida de Laura Rosa*" (Edições AML, 2016, 84 páginas).

No entanto, é sabido que vários dos poemas de Laura Rosa ainda podem ser localizados em jornais, assim como parte de sua prosa, que ainda não foi explorada e quem sabe um dia pode ser resgatada e transformada em obras que deleitem os admiradores dessa escritora que precisa ser mais lida e analisada.

LENDO AS PROMESSAS

À primeira vista, o livro *As Promessas* é uma obra bastante simples, escrita e publicada no início do século XX. No entanto, em uma leitura mais acurada é possível perceber-se que há muitas temáticas que podem ser estudadas e exploradas.

Alguns tópicos podem chamar a atenção dos leitores durante a leitura de *As Promessas,* como, por exemplo, os seguintes:

Pontuação diferenciada

Basta começar a ler os contos escritos por Laura Rosa

percebermos que ela apresentava um estilo bastante peculiar quanto ao uso dos sinais de pontuação, principalmente o uso dos travessões como indicadores das falas das personagens. Às vezes, em um mesmo conto é possível observar falas com ou sem o uso dos travessões ou mesmo o fato de a autora indicar, durante os diálogos, uma personagem com e outra sem a presença desse recurso gráfico na hora de iniciar ou alternar suas falas. Porém isso, apesar de ser uma curiosidade estilística da autora, não traz ganhos ou prejuízos para o leitor ou para a intelecção da narrativa.

Outro detalhe também é o uso constante das reticências e das exclamações ao longo dos textos. Às vezes esses recursos visam indicar os estados de espírito das personagens, em outros momentos demonstram a claudicância na fala dessas personagens. Nesta edição, tentamos manter a pontuação o mais próximo possível dos originais, alternado (suprimindo ou acrescentando) sinais gráficos de pontuação apenas quando houvesse comprometimento de algumas regras gramaticais que não estivessem diretamente relacionadas com as regras basilares da norma, como é o caso da separação de sujeito e predicado ou verbo e seus respectivos complementos com vírgula, ou alguns casos que pudessem insinuar duplicidade de sentido sem necessidade estilística. Mas foram poucos esses casos.

Conflitos entre gerações

Muitos dos contos de Laura Rosa estão centrados na relação direta de conflito entre pessoas de gerações distintas. Em

alguns casos isso se torna mais evidente, como é o caso de "O Sopro de Deus", "Miss Rosa" e "Meu Primeiro Conto", porém, em outros textos, embora esse possa não ser o centro de interesse direto da autoras, diversas situações deixam claro que as personagens pertencem a épocas distintas e que isso pode ocasionar situações tensas e/ou risíveis. Mas também a diversos casos em que os diálogos entre as pessoas mais jovens e as mais experientes tornam o texto mais dinâmico e dramático, como ocorre em "Promessas", "Fragmento" e "Na Praia", contos nos quais esse embate entre gerações se torna essencial para o andamento do enredo.

Ausência do elemento paterno

Os estudiosos da Psicologia e da Psicanálise possivelmente irão perceber que a figura paterna não é um elemento recorrente nos contos de Laura Rosa. Seria isso um reflexo do fato de ela aparentemente não manter relações com um pai que não a reconheceu e não lhe deu um sobrenome? Mas quando os pais aparecem – "O Dico", "O Galo da Missa" e "Três que Esperam" – a interação se dá em forma de gritos, afastamentos e castigos. Aléml disso, diversas são as personagens do livro que se referem ou mantém relação de proximidade e de diálogo com a genitora, o que pode também ser visto como reflexo de uma época ou algo premeditado pela autora.

Importante notar que as mulheres mais velhas quase sempre são apresentadas como viúvas ou que, como ocorre no caso de "Miss Rosa", haja um evidente apego à memória da

mãe e um total apagamento do pai, o mesmo ocorrendo em "Dona Águeda" e em "A Louca da Fonte". Em "O Sopro de Deus" o pai é apenas citado, mas sua relação com as filhas não é explorada.

Em vários contos do livro, a autora insinua uma atitude matriarcal em oposição ao patriarcado tão evidente no momento histórico retratado. Há muito a ser estudado sobre as relações parentais dentro dos contos de Laura Rosa.

Loucura como Fuga

Outro tópico que pode ser bastante explorado nos contos de *A Promessa* é a relação das personagens com a chamada perda da sanidade mental. Alguns traumas sofridos pelas personagens têm sua culminância na loucura, como ocorre em "A Louca da Fonte" e em "na Praia" Interessante notar que, em casos assim, a loucura é vista também como uma informação pedagógica, já que a história é reproduzida os acontecimentos são vistos como exemplares dentro das coletividades onde se passou o fato narrado. Praticamente a loucura é tida como um aviso às gerações seguintes, para que não se repita o fato que levou as pessoas àquela situação explorada nos textos.

No mundo dos sonhos

Em vários contos a presença dos sonhos é essencial para o desenrolar das narrativas e para o desenvolvimento das peripécias. Além do caso de Dona Águeda, protagonista do

conto homônimo, que tem obsessão por desvendar os sonhos que lhes são contados, tal recurso aparece também de modo bastante visível em "Conto de Natal" e em "Fragmento" alegorias muito bem elaboradas e que enlaçam questões sociais, religiosidade e fantasia em um mesmo bojo, fazendo com que o leitores coloque em situação de empatia com as personagens.

Porém o uso do recurso da temática dos sonhos pode apresentar efeitos diferenciados de acordo com a ideia geral de cada um dos contos. Em "Dona Águeda", a intenção é claramente divertir o leitor e questionar algumas atitudes – inclusive no espectro das preferências políticas e ideológicas – da protagonista. Já nos dois outros contos acima citados, o interesse da autora é elevar ao máximo a tensão entre as dificuldades econômicas e a necessidade de pelo menos poder sonhar para satisfazer alguns desejos ou para projetar um laivo de esperança diante das adversidades impostas pela vida.

Perfis de Mulheres

Laura Rosa aproveita seus contos para traçar alguns perfis de mulheres. Alguns são extremamente estereotipados até mesmo para a época retratada. É o caso da mãe entrevada que aspira a um futuro melhor para a filha jovem e bonita (A Louca da Fonte), da dona de casa exemplar que, mesmo em situação de pobreza mantém a casa como exemplo de asseio e de organização (A Promessa, Na Praia), da esposa e mãe que protege o filho contra os rompantes do pai (O Dico, O Galo da Missa). Porém há casos em que as personagens femininas se

comportam de modo não muito comum para o momento histórico e chegam a chocar outras personagens com suas atitudes inusitadas.

Um bom exemplo dessa quebra de paradigma é o caso de Miss Rosa, moça rica, com educação esmerada e que toma a decisão de pedir a mão de seu amado em casamento, atitude essa que choca o olhar tradicional de Dona Amância, que não consegue entender a decisão da jovem amiga. A conversa entre as duas é um dos pontos altos de todo o livro de Laura Rosa, por provocar não penas uma entidade ficcional, mas toda uma sociedade patriarcal e tradicionalista.

Outra personagem que tem um comportamento destoante com relação às demais é Sinhá, do conto "O Sopro de Deus". Ela não aceita o fato de ser assediada por um homem que tem praticamente a idade de seu pai e que não traz em sua estampa o perfil esperado um galã. Suas atitudes não são aceitas por pessoas que veem nela uma espécie de continuidade de uma tradição ancestral. Enquanto todos consideram a atitude do assediador como algo normal ou mesmo engraçada, Sinhá, que é ainda uma adolescente vê seu pretendente apenas como "um maníaco", avisando a todos os presentes que ela não estava preparada para considerar normais situações como aquela que se desenvolveu durante a festa de aniversário da irmã mais velha

Em "O meu primeiro conto" que, propositalmente, é o último deste livro, o leitor é levado a mergulhar em uma mescla de estudo de costumes com pacto autobiográfico e escrita de si em uma narrativa carregada de leveza, mas que demonstra

como alguns traumas da infância podem marcar a vida adulta e até mesmo demarcar caminhos que serão percorridos pelas pessoas.

Afastada de sua mãe e de sua madrinha de batismo – aparentemente suas protetoras naturais - a jovem Laura se vê encurralada em um mundo que tolhe sua própria infância e a faz detestar tanto a literatura quanto a matemática, pois ler e ter que decorar I-Juca Pirama (Gonçalves Dias) e a Judia (Thomaz Ribeiro), bem como resolver inúmeros cálculos aparentemente básicos, mas que atormentam a vida de uma criança, são duas formas que os adultos encontram para demonstrar poder. Mas a menina Laura tem atitudes consideradas rebeldes e cria uma espécie de alter ego para sobreviver às intempéries da vida de menina do interior.

O livro traz ainda uma gama de outras temáticas que podem ser exploradas por pesquisadores, pois. Embora não traga profundas inovações de cunho estilístico ou temático, já apresenta ao leitor do início do século XX algumas atitudes inquietantes, sem contar seu grande valor histórico para as letras brasileiras.

-

OBRAS DE LAURA ROSA

As Crianças. São Luís: Imprensa Oficial, 1909. (Conferência)

As Crianças. São Luís: Edufma, 2017. (Edição organizada pela professora Diomar das Graças Motta)

As Promessas. São Luís: Imprensa Oficial, 1910. (contos)

Poesia Reunida de Laura Rosa. São Luís: edições AML, 2016 (Edição organizada pela professora Diomar das Graças Motta)

Discurso de Laura Rosa. In Revista da Academia Maranhense de Letras. São Luís: Edições AML, ano 80, vol. 20, dez/1998. p. 13-24.

Conferências. Obra inédita

Castelos no Ar. Obra inédita (poesia).

OBS.: Existem ainda diversos textos em prosa em verso dispersos em jornais e revistas.

ESTUDOS SOBRE LAURA ROSA

CARVALHO, Wybson. **Laura Rosa, A "violeta do Campo"**. https://noca.com.br/wybson-carvalho/coluna/331-laura-rosa-a-quotvioleta-do-campoquot.

DAMOUS, Laura Amélia. As mulheres da Academia. In: **Livro do Centenário da Academia Maranhense de Letras 1908-2008**. Edições AML, 2009. pág. 62-65.

FERREIRA, José Jansen. Discurso de posse de José Jansen Ferreira. In: **Revista da Academia Maranhense de Letras**. São Luís: Edições AML, ano 91, vol. 22, jul/2010. p. 85-94.

GASPAR, Carlos; LICAR, Caroline Castro; CARVALHO, Claunísio Amorim (orgs.) **Antologia da Academia Maranhense de Letras. V. 1. Fundadores**. São Luís: Edições

LOBO, Antônio Lobo. **Os Novos Atenienses**. 5ª ed. São Luís: Edições AML/UEMA,, 2021.

MEIRELES, Mário Martins. **Panorama da Literatura Maranhense**. São Luís: Imprensa Oficial, 1955.

NERES, José. **Laura Rosa: uma educadora maranhense.** São Luís: Jornal Pequeno, 14 de agosto de 1917, p. 08.

NERES, José. **Laura Rosa: Nossa Violeta do Campo.** Site Região Tocantina, 21 de junho de 2022 - https://regiaotocantina.com.br/2022/07/20/laura-rosa-nossa-violeta-do-campo/.

NERES, José. **As nove imortais da Academia Maranhense de Letras**. Site Região Tocantina. 26 de outubro de 1921. https://regiaotocantina.com.br/2021/10/26/

as-nove-imortais-da-academia-maranhense-de-letras/

NERES, José. Representações da Noite: Uma leitura de quatro sonetos de Laura Rosa: **Littera – Revista de Estudos Linguísticos e Literários**. V. 13, Nº 26, 2022.

RAMOS, Clóvis. **As aves que aqui gorjeiam: vozes femininas na poesia maranhense**. São Luís: Sioge, 1993.

SALAZAR, Denise Cristina da Silva Campos. Laura Rosa: Entre as trilhas da educação: MELO, Salania Maria Barbosa; SOUZA, Joana Batista de; SALAZAR, Denise Cristina da Silva Campos. **Esquinas do tempo e narrativas de Caxias**.: Teresina: UFPI, 2017.

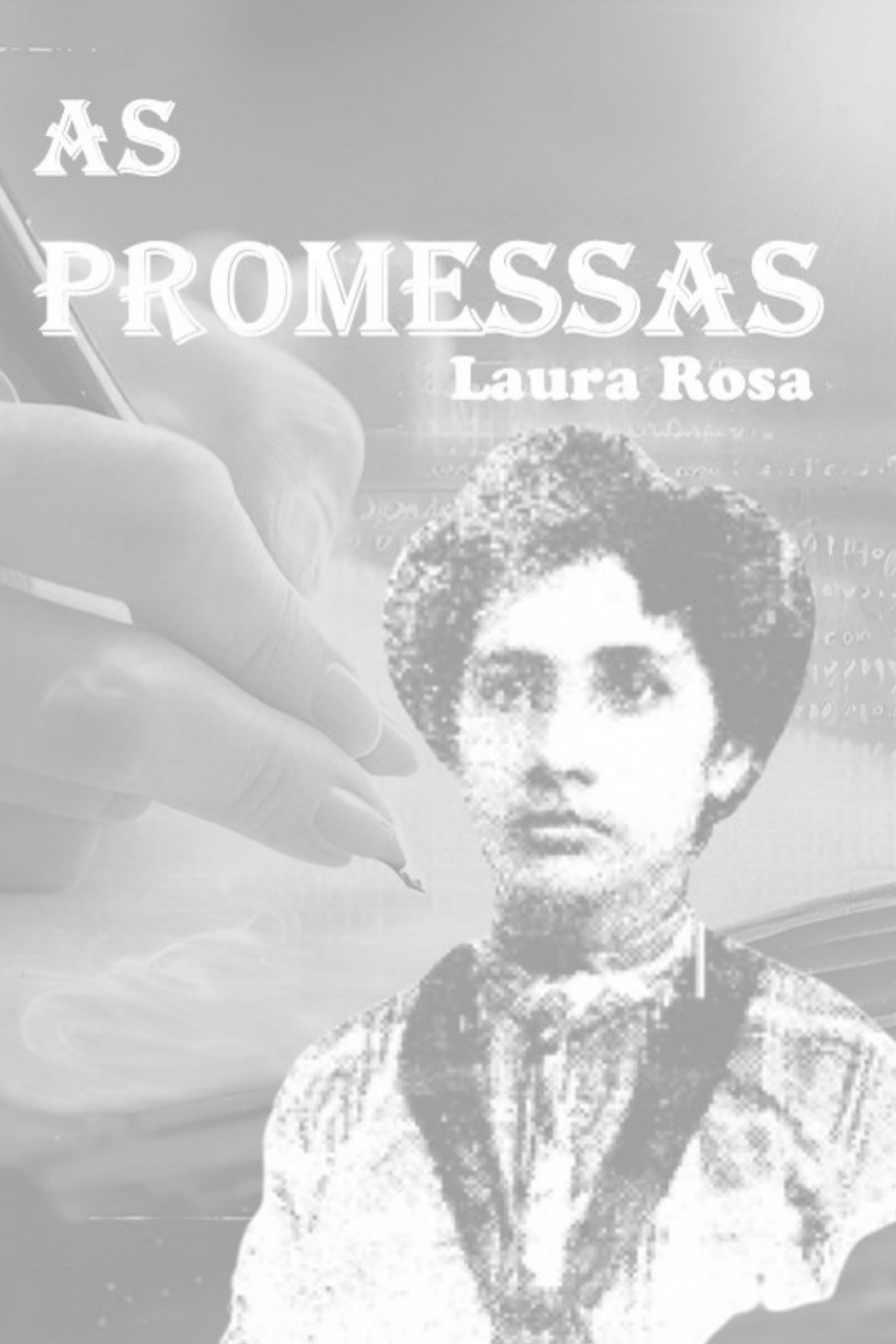
VALE, José Ribeiro de Sá. **Antologia maranhense**. São Luís, 1917.

VIANA, Fernando. **Passarela & outros perfis**. São Luís: Edições AML, 1991.

AS PROMESSAS

AS PROMESSAS

Laura Rosa



PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO

D. LAURA ROSA

Já que veio buscar-me no meu retiro para prefaciar o seu formoso livro, esquecida de que já tenho a alma ressequida pelos desenganos e desilusões da vida, perdido gosto com a indiferença que me vence e domina, devo antes de tudo agradecer a honra que me deu a minha ex-aluna, hoje distinta professora normalista.

Sendo apaixonadamente amante da nova corrente de ideias que procura colocar a mulher em plano igual ao do homem na concorrência do trabalho material, industrial e intelectual, acabando-se assim com esses conventículos que são as nossas casas de famílias onde definham uma infinidade de moças desocupadas, ou antes só aplicadas à conversação banal ou a serviços inúteis de arranjos de casas cheias de teteias e móveis sem significação, digo a todas aquelas que caminham na vanguarda do progresso:

Para diante, e haveis de conquistar a vossa independência, não a que vos impila para o turbilhão de vícios que deturpam e enfraquecem a humanidade, mas a que vos habilite trabalhar para o progresso concorrendo com a vossa aptidão, como vosso esforço e a vossa inteligência para o bem comum.

Escolheu a distinta escritora um gênero de literatura que muito me atrai. Desde muito estou afeito à leitura de contos

desde os de Edgar Allan Pöe[1], às vezes um tanto nebulosos; os de Hoffmann[2], que são tão fantástico; os de Guy de Maupassant[3]; os de Catulle Mendès[4], tão encantadores; até os de Coelho Neto[5], tão elegantes e às vezes brejeiros, como se vê nas Baladilhas, Rapsódias, Romanceiro, O Sertão , Álbum de Caliban e outros.

Dos muitos contos que espargiu nossa imprensa periódica desde o alvorecer da sua inteligência, respingou alguns dos que vão formar este volume: dali a falta de unidade de estilo, porque são produções de tempo longo e de período em que gradualmente se formava a sua cultura intelectual pelo estudo e pela leitura de bons autores.

É seu primeiro livro, são ensaios, conterá certamente defeitos, porque só os gênios começam com obras completas, sem senões, mas prossiga, estude sempre e são certas as flores que há de colher, são certos os seus progressos e será algum dia um dos ornamentos de nosso Pantheon.

J. A Corrêa

1 Edgar Allan Pöe (1809-1849) foi um poeta, crítico literário e contista norte-americano. Entre suas obras mais conhecidas estão o poema *O Corvo* e o conto *O Gato Preto.*

2 Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann (1776-1822) foi um escritor, compositor e jurista alemão que assinava seus livros com o nome E.T.A Hoffmann. É autor do livro *O Elixir do Diabo.*

3 Henri René Albert Guy de Maupassant (1850-1893) foi um escritor realista francês, autor de *Bola de Sebo*

4 Catulle Mendes (1841-1909) foi um poeta e prosador francês, autor de *La Revue Fantaisiste.*

5 Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934) foi um político, professor e escritor brasileiro. Autor, entre outros, de *Turbilhão* e *Rei Negro.*

AS PROMESSAS

A Coelho Neto

Foi isto numa pequena vila, onde passei alguns dias. Compunha-se esse risonho lugarejo de um agrupamento de casinhas alvas e amarelas, cobertas, umas de telhas outras de Pindoba, entremeadas de cercados à guisa de quintais. Longe, porém a meia légua de distância, corria barulhento um volumoso rio que se despenhava em grande cascata de uma eminência pedregosa.

Marginavam-no aqui embaixo, verdes canaviais e loiras roças de milho. Mais adiante, uma planície coberta de luxuriante vegetação, cortada por uma estrada larga e alvadia e vários outros caminhos.

Uma coisa me fez intrigar logo que ali amanheci o primeiro dia: de quando em vez descia caminho da fonte, do tra-

balho, ou do passeio, uma rapariga acompanhada de um veadinho que tilintava uma campainha ao pescoço.

Que história… onde achariam tantos desses bichinhos, tão galantes, tão mansos… e só as raparigas?

Perguntei ao homem que me dera hospedagem.

O vilão sorriu-se e respondeu-me:

Isto, senhora dona, isto é aqui... abusão do povo.

– Que pode… vir daí? não sei mas…

E o homem limpou a barba branca na manga da camisa grossa e coçou a cabeça.

Dizem que é casamento.

– Oh!

E ainda há alguma coisa além dos veadinhos!

– Que é?

O velho deu uma risadinha:

Isto é cá uma história!

– Muito comprida?

Não… vossa senhoria quer ouvir…

– Pois não, estou muito curiosa.

Ó Mariquinhas! Chamou velho, traze o meu cachimbo com uma brasinha e a esteira que estou fazendo! (Mariquinhas era sua filha mais moça).

E sentou-se à soleira da porta da rua. Vieram os objetos.

Fiquei do lado de dentro.

O homem tirou umas fumaças.

Vá lá a história, disse:

Lena… era uma rapariga muito conhecida nesta vida, quem não conhecia Lena… ora meu Deus!

Era trigueira e cheia do corpo, cabelos crespos, muito negros e muito compridos, pés pequeninos, mãos gordinhas, olhos grandes e espertos, boca de botão de rosa.

Era rapariga mais bonita e mais querida do lugar.

Não é mentira minha, pergunte pro João Paulo, pro Mané Zé, pro Quintino, que foram do meu tempo de rapaz.

Era um chorar de violas, a noite inteira, de versos pra rapariga. A rapaziada andava namorá-la de porfia.

As outras tinham ciúmes, mas não podiam odiá-la, porque além de tudo ela tinha um coração de ouro.

Quando a menina descia pela estrada afora, caminho dos canaviais, todo mundo sabia e a gente dizia: lá vai Lena!

Era o veadinho que a acompanhava, um veadinho manso, que trazia ao pescoço uma campainha tilintando: dlim dlim… dlim dlim.

E por toda parte onde andava a rapariga ouvia-se a tal campainha de Ninote - era o nome do bichinho.

Bonita moça, lá isso ela era, bonita e boazinha!

Era tão caritativa, tão meiga, que arrastava toda a gente.

Eu mesmo, eu que dei fama no meu tempo, minha senhora, não era qualquer cara que eu achava bonita! Sabe Deus como não andei!

Eu sempre fui acompanhado de Deus, primeiramente, e da Virgem Maria!

Lena era o anjo salvador daqui.

É só adoecer, muito mal, uma pessoa, lá seria buscar a moça pra enfermeira.

Suas mãos eram tão macias, suas palavras tão cheias de fé, que se a figura à gente que, com ela, ninguém morreria.

Era por isso que quando ouviam-lhe o veadinho, diziam carinhosamente: lá vai Lena!

Ali adiante não viu ainda uma capelinha branca? Fica no alto da Serra por detrás do Rio.

Lá está a Senhora do Amparo.

É uma fé que a gente daqui tem com aquela santinha…

Ela foi a madrinha de Lena.

E todas as manhãs, antes de vir o sol, lá ia a rapariga levar flores e velas à santa da capela, acompanhada da velha Chica.

Foi por uma clara madrugada de lua que a morena fez uma promessa à sua madrinha, nem o veadinho nem sua mãe ouviram o que foi. Mas Lena prometeu seu coração, seu puro coração de anjo à santa milagrosa.

Nesse tempo, andava muito mal de febres o Teodoro pastor das cabras ali do senhor padre.

Ninguém dava mais cousa alguma pelo rapaz; o Manezinho Pajé já o tinha desenganado.

Coitado do Teodoro, dizia Lena, foi ele quem me deu o meu veadinho!

E todas as tardes, quando voltava da quebra do milho, lá ia pedir pelo rapaz à sua madrinha.

O certo é que… ou milagre ou não milagre… o Teodoro não se foi daquela!

Então, lá um dia se encontraram na estrada grande e começaram a conversar de caminho pro roçado da fazenda do seu mané João, que fica meia légua daqui.

Olha, Lena, fiz uma promessa de velas a tua madrinha se me pusesse bom, disse o rapaz.

Eu também fiz uma promessa, mas… não foi de velas, respondeu ela.

– De flores?

Não

– Que foi?

Adivinha!

– Não sei…

Prometi o meu coração.

– Tu?! Então…

Quero dizer que não tenho mais coração para amar a ninguém.

– Nem para amar o teu noivo?

Que noivo?!

– Eu!

Tu?! Ah… ah .. ah .. ora, Teodoro.

– Lena! Lembra-te bem, já me tinhas dado o teu coração, tinha prometido casar comigo.

Gentes! Eu?

– Sim, senhora, tu mesma…

Estás doido!

– Doido? Que me disseste quando te dei o veadinho?

Que te disse eu? Sei lá!

– Que me querias muito e que te casarias comigo daí há algum tempo, quando eu já tivesse uma roça de milho e vinte tantas cabras; que tu também irias juntar dinheiro e comprar umas terras ao seu Mané João!

Ah

– Ah!!!

Mas, querer bem não é amar

– Amas-me, que eu sei…

Mentira, achas mesmos?

– Então, dá-me o meu veado!

Não o dou!

Teodoro de um pontapé no bichinho

Pois, leva-o… leva-o e mata-o logo, que não vou trocar meu coração por um veado, gritou Lena!

– Mentirosa… falsa!

És tu!

– És tu!

Teodoro laçou veado e puxou-o com fúria; o bichinho começou a berrar e a olhar tristemente para a sua dona.

Teodoro puxava o, dava-lhe, ele berrava, berrava dolori-damente.

Lena desatou a chorar e a pedir:

Larga-o, Teodoro larga-o…

O bichinho [começou] a berrar mais sentido, o rapaz a puxá-lo e a rapariga a pedir, em prantos, abraçada o seu pobre amiguinho.

Larga o meu veadinho… larga-o, coitado…

Não largo!

Larga…

Não largo!

Por Deus, Teodoro

Finalmente, o rapaz cedeu, não pôde resistir à ternura daqueles olhos negros suplicantes cheios d'água; largou o veado.

Mas o bichinho, como que indignado, berrava sem se calar.

Cala a boca, gritou-lhe o rapaz!

O bicho a berrar.

– Cala a boca, demônio! Excomungado!

Não sejas mau,Teodor,o dá-me o veadinho outra vez, pediu Lena com voz de choro.

– Leva-o e vai-te daqui com ele também. Nunca mais hás de ouvir notícias minhas neste mundo...

– Vai-te embora?

Deste mundo!

– Tu... vais matar-te?

Teodoro fez menção de se ir embora.

– Vem cá, meu amigo, disse-lhe a rapariga, vem cá, eu quero-te muito… muito!

Então, Lena…

– Mas, que hei de fazer agora? que hei de fazer?

Que hás de fazer, por quê?

– Não me lembrava do que te havia dito e fiz a promessa à santa minha madrinha… não me queria casar.

Ah!... foste não trapaceira comigo?

– Mas… e agora?

Agora? Ora, vou te ensinar um meio:

Trarei da mata uma boa porção de cera de abelhas; farás com ela um coração muito bem-feitinho e levá-lo-á à capela

– De cera de abelha?

Pois então! As velas não são de cera?

– De abelha?

Não sei, mas… são de cera!

É, são de cera…

E despediram se os dois na melhor harmonia, cada qual para seu serviço.

Dias depois, foi sabido por toda aldeia que aparecera sobre o altar-mor da capela um perfeito coração de cera de abelhas. Um milagre! foi bento o coraçãozinho e saiu em procissão.

Correu também que se iam casar Teodoro e Lena.

Os rapazes entristeceram-se a princípio, e as raparigas enciumaram-se, mas depois, veio contentamento geral.

Casaram-se os dois, e esse casamento foi a maior festa que tem havido aqui. Por Deus do céu!

No dia do casamento, festa pra cá festa, pra acolá, houve um grande jantar em casa dos noivos.

Mas quer saber o que fez o veado?

Foi à capela, pôs-se sobre as patas traseiras, espichou-se e tirou de sobre o altar o coração da promessa. Ah! Senhora dona!

Quando, senão quando saúde de seu fulano, saúde de dona fulana!...

Lá vem o bichinho com coração na boca e vai depositá-lo no colo de sua dona; pois, se ele o tinha visto nas mãos de Lena…

Foi um espanto geral! Foi um sarilho! Todos levantaram-se indignados, numa vozeria medonha:

– O coração que já estava bento!

– O coração que foi ali colocado pela santa!

– Virgem Maria!

– Era o demônio que se havia metido no veado! Devia ser morto! Devia ser queimado!

– Credo!

O veado berrava desesperadamente assustado.

Quiseram matá-lo a pauladas.

Lena interveio em prantos a pedir:

Não matem… não matem, minha gente…

Aí o Teodoro não se pôde mais conter. Pediu silêncio com uma voz de trovão e de zanga.

Foram-se calando, mais ou menos.

Então o rapaz contou toda a tramoia da promessa e do coração de cera.

Aí é que foi barulhão, mas barulhão feio!

Reuniu-se um grupo de indignados e foi a casa do senhor padre contar o fato!

No dia seguinte, foram os dois chamados à presença do senhor padre, o veadinho também lá foi!

Ah, minha senhora, foi uma descalçadeira medonha!

Quê! Foi uma descompostura mestra!

O senhor padre ficou mais vermelho do que um tomate de roça, mais alto do que uma cana de soca!

E gritava:

Tratantes! Biltres! Desavergonhados! Enganarem aqui a gente, sem pejo nenhum. E…tal!

Lena, já se sabe, abriu logo no choro.

Teodoro…caladinho.

Só o povo é que se pôs num falatório, num zoadão de

fogo no roçado.

O demônio do veado, quando ouvia a zoada, era aquilo… berrava com toda a força!

O senhor padre ficou rouco de gritar, deu uma porção de pontapés no bichinho, amaldiçoou-o, mandou-o para o inferno, mas o veado berrava com toda a força, berrava ainda mais!

O pobre do homem entrou então a enxotar todos de casa… ninguém se calava… cada um queria dar a sua sentença.

Tudo pra rua. Gritou o homem!

Lena caiu de joelhos ao pé do senhor padre.

Nunca mais... senhor padre, ajuntei... oh!... ajuntou o Teodoro.

Perdoe-nos, senhor padre, perdoe-nos pelo amor de Deus… pelo amor de Deus!

Não perdoo ninguém, não perdoo, gritava o senhor vigário, já mais brando… não devia perdoar!

Pensa que o veado tinha se calado?

Qual, berrava o demônio!

Mas, o senhor padre tinha um coração de ouro, era uma boa criatura, coitado, e ainda o é até hoje, louvado Deus!

Quando já íamos saindo de cabeça baixa, ele nos chamou.

Venham cá… ó Teodoro… ó rapariga!

O rapaz começou a revirar o chapéu de Baeta entre as mãos, a moça entrou a soluçar!

Não deviam ter feito… não deviam ter feito isto, disse ainda o bom padre, foi uma falta de respeito e de religião! Agora… estão aí no choro… venham cá!

E o santo homem abriu os braços entre os quais caímos…, oh!... Caíram os dois como dois pintinhos molhados entre as asas da galinha.

– Não são má gente, isso lá não são... abracem, abracem

o velho amigo…e amanhã, muito cedinho, os dois lá na capela para se confessarem, disse o senhor padre.

– Sim, senhor, responderam juntos os dois da descompostura.

Os da candonga E lá se foram resmungando.

O veadinho estava numa berraria a correr a casa toda.

Quando, senão quando, lá vem a Luiza, [a] cozinheira, com uma como uma fúria:

– Que o bicho tinha quebrado uma panela e entornado uma bacia de caldo na cozinha, que não queria endoidecer com aquele inferno de berreiro! Chamassem-no dali, senão pô-lo-ia fora a cabo de vassoura!

Ninote! Ninote, gritou Lena, anda cá depressa! Ninote!

Lá veio o bichinho, e o senhor padre tomou-o e abraçou-o pelo pescoço.

– Coitado do bichinho, não tem culpa de coisa alguma, afinal de contas… hei de abraçá-lo também.

Ninote calou-se logo, parecia a gente, compreendia tudo, só lhe faltava falar, senhora dona!

****

Mas, apesar disso, indaguei do vilão [se] pegou a crença... dos tais corações de cera e dos veadinhos?

– Ora, ora, ora! Daqui a uns dias já não haverá veados nas matas daqui, nem a abelheiras, com cera!

– E o senhor padre não ralha mais?

Qual… ralha mais! Já largou de mão, quem pode com a mocidade? Com este povo então…

– E… Que fim levou essa gente, o Teodoro e a Lena?

O velho me olhou com um riso brejeiro, como a saborear a minha curiosidade e coçou a cabeça.

Que fim levou? disse, atirando com a esteira para um lado e sacudindo-se das palhas que estavam pela roupa, olhe: o Teodoro… sou eu e a Lena é minha velha, que a senhora dona já conhece.

– Já o tinha desconfiado, volvi, e o célebre Ninote?

O homem apontou para uma frondosa mangueira de folhudos galhos vergados ao peso das pencas douradas dos frutos sazonados:

– Foi enterrado ali debaixo daquela mangueira grande, é só quem já não vive.

O DICO

A Fran Paxeco

Lembram-se do Dico, aquele do galo da missa? temos outra dele[1].

Maria, a criadinha, varria o corredor; o Dico conversava com ela, sentadinho num banco.

Daqui a pouco, chegou a rapariga ao lugar onde estava o Dico.

Saia daí, seu Dico, deixe-me varrer nesse lugar.

Não saio, disse o menino.

– Saia, seu Dico.

1 Aqui a autora se refere ao conto "O Galo da Missa", que é a quarta narrativa deste volume. Nos dois, o menino Dico é o protagonista. Aparentemente, na organização do livro, os dois contos foram deslocados, pois o narrador infere que o leitor já conhece a narrativa que antecedeu a tal acontecimento (Nota do Editor)

Não saio, Maria!

– Você não ouve, menino?

Me larga, Maria!

– Você já começa?

Eu não já começo nada?

– Ah… ah… ah… você sabe o que é já começa?

Não sei… me larga!

– Pois, não lhe direi o que é.

O Dico ficou mudo por instantes, e a Maria a olhá-lo com a vassoura nas mãos. Daí a pouco, perguntou:

Maria, que é já começa?

Não digo, respondeu a pequena.

Diz, Maria.

– Então saia daí e tire seu banco.

O Dico levantou-se e retirou o banquinho.

– Maria, que é… já começa?

– Já começa? Já começa é um calhamaço que corre atrás da gente para morder.

– Para morder?

– Sim, para morder na perna!

– Que é calhamaço, Maria?

– É cousa velha que já não presta mais para nada.

– Cousa velha?

– Sim.

O Dico pôs o polegar na boca, entrou a chupá-lo silencioso e pensativo, a ruminar sobre o caso.

******

Anoitecera, o pequeno dormia cedo; fora deitar-se,

acompanhado pela avó que o ia adormentar todas as noites lhe contando histórias de fada.

Conversavam os dois.

Daqui a pouco, porém, a velhinha, começou a falar com a língua presa pelo sono.

Vovó, chamou o menino, não durma.

A avó falou ainda mais embrulhado:

Ora… meu filho, tua avó... já começa a…

O Dico pôs a cabeça fora da rede, tinha ouvido falar em já começa!

– Vovó, ó vovó, chamou!

– Que é, menino.

– Estou com medo!

– Medo de quê? Também pensas que não canso de falar…

E a velha entrou de novo a embrulhar:

Também já… sou um… ca…lhamaço que não presta para mais… nada… não posso…

O Dico sentou-se na rede com os olhos arregalados:

Vovó!!!

A velha assustou-se e deu um salto da rede:

Já começas…

O pequeno atirou-se da rede abaixo e saiu para varanda num carreirão, numa gritaria de ensurdecer:

Aí!... Papai… vovó me morde, vovó me morde!

A avó saiu atrás, assustadíssima: que é isso menino?!

– Vovó me morde, vovó me morde!

Que é isto, menino? Gritou o pai que escrevia à saleta

Vovó me morde, papai, vovó me morde!

Saíram todos ao alcance do pequeno que entrava e saía

no carreirão, numa gritaria, por toda a casa.

O pai alcançou-o

Que é isto, menino, venha cá!

– Vovô me morde na perna… papai, vovó me…

– Você está doido? sua avó é… cachorro?

O menino tremia como varas verdes:

Vovó me morde, papai… vovó me…

– Você está idiota, menino!?

Não sei o que foi isto, retorquiu a velhinha assustada e trêmula, a suar em bicas!

Que há de ser, disse o pai, é… medo! A senhora também leva a contar histórias disto… daquilo!

– Eu?

– Ora!

Pois…se nem lhe cheguei a contar história nenhuma! Ele, desde que entrou para o quarto que já foi com medo!

Então de que é que você está com medo? Gritou o pai furioso já, por haver se levantado e perdido o fio do artigo de fundo que estava a escrever para um jornal.

De que é que você tem medo, seu malandro!

De cousa… velha… soluçou o menino.

– De cousa velha! pois então você... está doido!

– Pois, passe já para sua rede!

E o pai aplicou-lhe uma palmada mestra.

E já!

Ah… an… an…

– Cale-se!

Um… um.. um…

Nem mais um pio!

Você, também, interveio a Anna, a mãe do pequeno, você

também vai logo dando na criança…

– Pois tire-lhe o medo… que já nem escrever sossegado posso!

– Este menino é muito nervoso, observou a avó.

Pois, hoje… ele vai dormir sem nervoso nenhum! E você também não me… aborreça que eu quero escrever. Arre!

Pois, vá escrever!

****

As duas senhoras foram deitar o pequeno. Ele disse a soluçar sentidamente, quando já ia adormecendo:

Mamãe… dê-me o lençol… grande… não deixe minhas pernas… de fora…

DONA ÁGUEDA

A Domingos Barbosa

I

Dona Águeda era uma boa alma, lá isso era, uma dessas pessoas ingênuas, eternamente ingênuas e pobres de espírito, mas de bom coração.

Enviuvara, perdera tudo da pequena herança que lhe haviam deixado, e, até os filhos lhe haviam morrido todos.

Não sei se pelo peso dos anos ou pelo gênio mesmo, era quizilenta, censora, destabocada de língua e cavaquista.

Coitada, uma boa criatura, conversadora, até, mas que conversadora!

Mas que ninguém lhe indagasse a idade! Explodia como

uma bomba de dinamite:

– Falta de respeito! Falta de consideração! Insolência!

E por isso nunca lhe souberam a idade.

Via-se muitas vezes e maus lençóis por causa da gula, sério!

Mas ninguém lho observasse!

Pobre velhinha! Dona Águeda era muito conhecida. Era um crente fiel e inabalável dos sonhos, mas extraordinariamente devota, excessivamente supersticiosa, já era um fanatismo!

Decifrava todos os sonhos e ninguém lhos contestasse! Respeitava-os cegamente...

Pobre Dona Águeda!

Era pensionista de alguns amigos, dos seus amigos velhos, como dizia; passava temporadas com alguns mais íntimos, mas quase sempre saía zangada com as crianças, as moças ou os criados da casa.

– Gente malcriada … gente malcriada esta mocidade de hoje! dizia ela, é o modernismo, é um tal… progresso! Todos são iguais… é a tal República!

Dona Águeda era monarquista e rotineira de força.

Criava uma neta, único parente que lhe ficara no mundo, e sonhava para ela toda a sorte de venturas, de inocência e de candidez.

A casa da senhora Raimunda, uma viúva com três filhos, era o ponto predileto da boa velha, apesar das constantes rusgas e das discussões em que aí vivia todo tempo.

Alfredo, Dadá e Lili eram os nomes dos filhos de Dona Raimunda.

Dadá, a mais velha, mimosa, sonsa e atenciosa.

Alfredo, um rapazote de 16 anos, caçoante, alegre e na-

morador.

Lili, viva, engraçada, mas o diabo em pessoa a verdadeira tentação de Dona Águeda, era mais moça dos três.

Vivia esta a forjar sonhos para contar à pobre senhora e lhe urdir mil coisas do arco da velha.

Dona Águeda dizia sempre:

Nunca vi gente pra sonhar com tanta embrulhada como esta menina… ave Maria!

Mas esclarecia tudo, tim-tim por tim-tim, dos sonhos da Lili.

Uma ocasião, contou-lhe a menina:

Dona Águeda, sonhei que as cadeiras amarelas da varanda tinham ficado negras…

– Ave Maria… defunto certo! Interrompeu a senhora.

Que a senhora também tinha ficado negra…

– Credo… é luto!

Depois as cadeiras da sala vieram todas enfeitadas de branco, dançando até a varanda…

– Casamento breve!

Que o guarda-louças estava todo iluminado…

– Algum defunto que está pedindo missa!

E que a senhora tinha caído num rio, tinha…

– São lágrimas… são lágrimas, minha filha! Deus nos queira livrar. Dona Águeda persignou-se três vezes:

Que sonho esquisito… Ave Maria! Mau agouro.

E assim como esses sonhos a travessa da Lili inventava uma infinidade.

Mesa do jantar ou do almoço eram favinhas contadas: o Alfredo e a Lili metiam a pobre velha numa roda viva. Eram contendas de princípio a fim.

Dona Raimunda ralhava com os meninos de vez em quando:

Calem-se, menino, calem-se daí!

Mas, daí a pouco, outra discussão.

Começavam, mais ou menos, assim: não coma disto, Dona Águeda, pode-lhe fazer mal!

– Que é que tens com a minha boca, Alfredo, ora esta! Volvia a senhora.

É mesmo, acudia a Lili, pode-lhe fazer mal, Dona Águeda, depois…

– Depois quê? Depois quê?

Já estava admirada que não falasses também!

– Mas, minha velha, volvia a menina, não é porque não queira que a senhora coma mas, é que… essa gordurada mesmo faz mal a quem sofre de…

– Que menina terrível. Arre!

Terrível não, Dona Águeda, mas a senhora disse… acrescentava o rapaz

– E o que tens tu com isso, seu malandro?

Malandro não, olhe lá!

– Malandro sim! Seu pirralho de quatro vinténs!

A senhora já está velha, Dona Águeda, intervinha a Lili, não…

– Raimunda também já está velha, pode regular quase a minha idade, gritava a velhinha.

Aí Dona Raimunda também falava:

Alto lá… não, isso não.

A senhora tem quase duas idades minhas…

– Deus te livre! Há quanto tempo eu te conheço, Raimunda?!

Não sei... mas quando a conheci já foi assim!

Assim como?

Ora, Dona Águeda, volvia a dona de casa, vamos comer em paz, mudemos de assunto!

E assim acabavam, a maior parte das vezes as tais discussões, resultando alguns amuos de Dona Águeda e sua ausência de casa por algum tempo.

Certo dia, porém, a coisa foi além, a discussão foi mais forte.

Dona Raimunda tinha saído com a Dadá para compras nas lojas.

O Alfredo vestia-se para sair. Passeava pela sala de refeições abotoando os punhos da camisa engomada.

A Lili bordava ali perto, também na sala.

Sabe, Dona Águeda, começou o rapaz, vou ver as moças.

– Quais serão essas tolas? Indagou a velha.

Sua neta é uma delas

Quê?

Sua neta.

Olha rapaz não sou teu divertimento, vê bem! Não quero histórias comigo! Não me ofendas!

– Não, com a senhora, não, é com sua linda neta, Dona Águeda.

– Pois… pode ir para o inferno, ouviste, com essa mesma não arranjas nada. Achas mesmo!

– Ora, Dona Águeda, interveio a Lili, ora… Dona Águeda! Sua neta é alguma princesa?

– Não é princesa, mas não é malcriada como tu, nem insolente como o bom do teu irmão!

– Sim, volveu a menina, mas nunca namorei os padrecos

do Seminário, com uma boa e inocente da sua neta namora.

Dona Águeda deu um salto da cadeira, vermelha de indignação.

Do Seminário!!! Que menina aleivosa… que infâmia! Mentira!

Namora, sim, os padrecos do Seminário, que fica lá defronte da sua casa.

– Que língua maldita, que língua infame, que língua malvada, desta menina! Já viste alguma vez?

– Já… já vi… e faz cartinhas, também para o Alfredo, é doidinha pelo caixeiro da Venda lá de junto da sua casa...

Dona Águeda partiu como uma fúria, batendo com os pés como criança malcriada, espumando de raiva:

Vou-me embora, vou me embora da casa de vocês… nem mais uma hora… não… não quero ficar doida.

Pôs o chapéu e a capa.

Alfredo acercou-se-lhe:

Ora, Dona Águeda, então, por uma simples brincadeira nossa, a senhora…

Vão brincar com Raimunda, que lhes não soube educar, seus pedaços de malcriados… eu aqui tão cedo não porei os meus pés, vão brincar com o Diabo.

– Ora, Dona Águeda… não se zangue com a gente…

Não sei de nada, não sou brinquedo de pirralhos... mas deixa estar que a senhora Dona Raimunda há de ouvir o que nunca eu disse a ninguém. Não, não fico!

E saiu pela porta afora fumando de raiva; foi falando pela rua.

Dona Águeda deu no vinte: encontrou-se numa esquina com a senhora Raimunda.

Contou-lhe tudo ali mesmo, disse-lhe todas – uns meninos malcriados a quem a Raimunda não tinha dado educação nenhuma, fossem caçoar com gente da idade deles!

A amiga pediu-lhe mil desculpas – os meninos faziam aquilo para vê-la falar, mas até lhe tinham muita amizade.

Qual, a velha não aceitou desculpa nenhuma, – os meninos malcriados, malcriadões de chapa, o mestre dos malcriados estava na rua, daquelas amizades agradecia! Dona Águeda ausentou-se.

II

Passaram-se três anos.

Alfredo era agora um guapo guarda-livros de uma importante casa de ferragens, possuía um bigode negro e luzizio à Guilherme II, um rapaz de juízo e estava apaixonadíssimo pela neta da velha Águeda.

O rapaz andava triste mesmo.

Um dia, queixou-se em casa.

Deixa-te estar, disse Lili, hei de arranjar-te esse pá de botas.

Tu, como? perguntou o moço, se ela vem aqui tão pouco que não fala comigo, nem contigo?

– Ora, verás! Vou sonhar!

Por favor, volveu o Alfredo, não me vais piorar a situação!

– Deixa por minha conta, rapaz.

Dona Águeda ainda não os tinha perdoado, zangara-se deveras, vinha ali raríssimas vezes e isto porque devia obriga-

ções a sua amiga velha.

Até a sonsa da tal Dadá, dizia ela a sua vizinha de junto, até a Dadá, que era melhor coisa dali, lhe havia perguntado um dia porque não se casava com o velho Lázaro! Pois um homem que já era viúvo pela quarta ou quinta vez, um comilão, um beberrão de cachaça, um usurário, com doze ou quatorze filhos que eram uns perfeitos moleques!

Dona Águeda não perdoava isto!

Mas, passou-se o tempo.

Um dia, entrou como um raio pela casa da pobre velha o diabrete da Lili.

Entrou esbaforida, com olhar assustado, com a voz entrecortada por uma falta de ar e umas tremuras.

Dê-me um copo com água… depressa, depressa, dizia ela.

Velha esqueceu tudo, coitada, correu para filha da sua amiga.

Lili parecia louca: Dona Águeda estava assustadíssima:

– Mas que foi, menina?

– Não posso, tenho medo…

De quê...

Do sonho… do sonho, minha amiga do coração! Do sonho que tive!

Dona Águeda arregalou os olhos:

– Do sonho? Mas que sonho… que sonho? Lili escondeu o rosto:

Choro pela senhora, dona Águeda… é pela senhora que eu… choro…

Mas, que é, menina fale, fale, por favor!

Sonhei, disse a Lili, limpando os olhos, que a Amélia

(era o nome da neta de Dona Águeda), tinha recebido um anel dado por seu Lázaro…

Virgem Mãe Santíssima exclamou A pobre velha, caindo na armadilha é… seu Lázaro…

– Esse mesmo, Lázaro Borges, minha amiga!

Minha neta de minha alma vai se casar com esse… maldito…

– Depois, Dona Águeda, vi a menina sair de um templo, toda vestida de branco, de braço dado com o seu Lázaro…

Seu Lázaro Borges, exclamou Dona Águeda, num grito de dor!

Depois, continuou a moça, vi-a sair de casa morta, no caixão roxo coberto de galões de prata… todos iam chorando, todos os do casamento acompanhavam o cortejo, choravam alto, gritavam… acordei banhada em lágrimas e… tenho chorado tanto…

Dona Águeda abria em choro, em gritaria, em lamentações. Por mais que a consolassem, chorava como doida.

Os vizinhos vieram saber o que havia acontecido, juntaram-se alguns curiosos à porta da rua, e até o velho Lázaro veio também, indagar do fato de tanto choro.

Ah! Mas esse encontro é que foi cômico.

Mal apareceu velho, Dona Águeda olhou enraivecida: avançou-lhe com os punhos fechados, disse-lhe mil impropérios, expulsou-o, saísse da sua vista, não queria vê-lo… fosse embora!

O pobre homem ficou aparvalhado

A Lili, porém, fez nenhum sinal qualquer, ele compreendeu. Dona Águeda havia enlouquecido, coitada, pensou ele! Ficou penalizado – uma boa vizinha, a neta era tão criança ain-

da, eram tão pobres! E ele, que não tinha nem mil réis no bolso naquela hora. Lembrou-se, então, de um anel de brilhantes que trazia no anular da mão esquerda, tirou-o e deu à Amelita – podia transformar ela em dinheiro. E foi embora penalizado.

Dona Águeda, ao ver o presente, caiu com ataque de nervos que durou um quarto de hora. Foi um sarilho!

Lili quase se arrependeu do que havia forjado. Suava em bicas. Que horror. Dona Águeda lhe iria dar um trabalhão, Amélia estava com uma cara toda inocência, mas... aceitara o mimo.

Que coincidência a do anel!

Quando se foi o pobre homem, a senhora caiu em prostração. Está tudo consumado, disse, o sonho se vai realizar… que desgraça!

Qual, minha boa amiga, qual o quê, Amélia não se há de casar com esse homem, retorquiu a moça do sonho.

Ah! Minha filha, volveu a senhora, infelizmente… já veio o maldito anel!

– Qual, minha amiga, olhe …mas a senhora pode não querer...

Que, menina, que irei mais querer…

Casar quanto antes a Amélia com…

Com?

O Alfredo!

O teu irmão?

– Olé! Ele gosta tanto da sua neta… quereria…

Casar-se com ela!

Dou-lhe palavra de honra, Dona Águeda, palavra de honra, mas… a senhora não quer…

– Pois ele ainda anda por aqui…

Ainda, Dona Águeda, ainda a ama e já estamos mudadíssimos, já estamos muito ajuizados, muito bonzinhos: o Alfredo está um moço distinto.

A velha calou-se.

Por fim, voltou-se para a neta com um suspiro:

Queres, minha filha?

Não… sei, respondeu a rapariga (estava mortinha por isso) vovó é quem sabe.

Tens que aceitar, minha neta, tem que aceitar… antes o Alfredo...

Então… quero.

Lili respirou.

Ah! Marotas, estavam as duas pequenas combinadas!

E… realizou-se o casamento.

****

Que espécie de segunda sogra teria dado a dona Águeda?

O GALO DA MISSA

A Antônio Lobo

Mamãe, você vai à missa do galo?
Vou, sim, senhor.
E eu?
Você? Você vai dormir.
Por quê?
Porque criança não vai à missa do galo.
Por quê?
Porque começa muito tarde e você ficará com sono.
Mas, hoje eu não fico com sono, mamãe.
Mas você não vai, meu amigo.
Ora, eu quero…
Não, senhor!

An… An… Ah..

Ó, Anna, que é que tem esse menino? Grita o pai lá de dentro.

– Diz que quer ir à missa do galo.

– Porque você não o leva? Deixe, mande vesti-lo.

– E você faz toda a tolice que ele entende… depois…

Ora, deixe a criança! Ó, Maria, vai vestir o seu Dico!

****

Enquanto a Dona Anna terminava a sua vestimenta, o Dico, já metido num fatinho marinheiro, esperava na varanda, conversando com a Maria.

– Seu Dico, peça pra Dona Anna me levar?

Não, não peço.

– Ora, peça…

Não, senhora.

– Por quê?

Porque tu vais lá só dormir.

– Quá… quá… quá… e você? Não dorme?

Eu? Eu não!

– Pois você vai ver como o galo vai beliscar-lhe o nariz!

O galo? Que galo?

– O galo da missa.

Dico refletiu um pouco, depois gritou:

Ó, mamãe!

– Que é, menino.

Não quero mais ir à missa!

– Porquê?

Estou com medo do galo!

– Que galo?

O da missa!

– Da missa?!... Menino, deixe-se de tolices, lá não há galo nenhum!

Não vou, mamãe, estou com medo: ele belisca meu nariz!

– Que menino tolo, senhores, pois você vai porque já está vestido.

Não quero, mamãe!

Vai, sim, senhor!

An… an… an…

Que tem esse menino, Anna? Pergunta o pai lá de dentro.

– Diz que não quer mais ir à missa!

Vai, meu filho, disse o pai.

– Não vou.

Ora, vá.

– Não…

Pois, então, vá dormir.

– E o puding[1]?

Não há puding para menino tolo!

An… an… an…

– Cale-se?

An… an… an…

– Não ouviu?

An… an…an…

– Eu vou lá!

Mas, qual, o Dico berrava e sapateava a valer.

De repente, sentiu-se atacado por uma saraivada de palmadas.

1 *Pudding*, em inglês. Pudim, em português. Optou-se por preservar a grafia utilizada pela autora no livro (Nota do Editor)

Era o papai.

– E... cale-se! Imediatamente!

Água na fervura, o Dico não só calou-se como foi deitar-se metido ainda no fatinho marinheiro, chupando o dedo polegar.

A mãe foi vê-lo antes de sair.

Então, meu filhinho, você foi fazer tolices…

Mamãe, disse o menino entre soluços, guarde… o puding… no Petisqueiro, porque o galo é capaz… de vir…comê-lo…e papai… vai pensar que fui eu…

A LOUCA DA FONTE

A Filinto de Almeida

Marinete, minha filha, que vai pela aldeia, que a sinto tão calada?

Ouço dizerem, minha mãe, não sei ao certo, que o jovem Conde se acha mal e os aldeões correm a visitá-lo no castelo: está mesmo solitário o lugarejo e na fonte não vi hoje quase lavadeiras!

Não viste a Luíza?

Não, senhora.

Nem a Teresa?

Também não. Hoje dos bancos só eu com as filhas da tia Lourença, unicamente, que aí estão.

Recolheste toda a roupa, minha filha? Nada ficou pelo estendedouro?

Está toda aqui. E a rapariga, assim respondendo, arriava ao chão o balaio pesado, alto da roupa cheirosa e alva, que suas mãos mimosas haviam lavado.

Ai… ai… estes joelhos… gemeu a mãe; estirando a perna esquerda a custo; este reumatismo, que não me deixa ajudar-te, hoje então estou mais atacada, ai... Acende-me o cachimbo, minha filha.

Pegou a moça um tição que entre três pedras fazia ferver a caldeirada do jantar e achegou-se à velha Joana, que a esperava com o taquari na boca.

Também devias, disse a velha tirando já uma fumaça... devias... ir até o castelo, bem sabes que é tão bom para nós o senhor Conde, moramos nas suas terras sem pagar foros.

Mas se eu, nem o conheço, mãezinha!

Conheço-o eu, minha filha, e, demais, estimo-o de pequenino, e a senhora sua mãe era muito minha amiga, e que boa criatura… Deus tenha lá sua alma em bom lugar! pois hás de lá ir.. ai… ai… este joelho… já não é meu, nem já sou mais para estas viajadas; pois tens de ir.

Amanhã, pela fresca, então irei com as filhas da tia Lourença e voltarei pela noitinha.

Está bem, pois irás com elas.

Enquanto grossa fumaças desenrolavam-se do cachimbo de Joana, dizia esta lá consigo, citando distraída as labaredas que envolviam caldeirão a ferver a feijoada.

Coitado do moço! Há já tempos que eu vi passar pras caçadas lá pela fonte, pediu-me até de beber e foi a Marinete quem lhe deu água; ela nem se lembra que a sua a tão bonita, e deu-me os parabéns pela joia que eu possuía, nem se lembra mais, era pequenota nesse tempo! E assim, cachimbando, pensava a velha lavadeira.

Marinete pegara o cântaro vazio e descera a caminho da

fonte, cantarolando uma trova em voga; a saia curta deixava às vistas os pequenos pés descalços e ela, a lavadeira galante, ora corria pela estrada, ora cantava com muita graça:

Não pensem que o Amor pousa um momento,
Amor nunca descansa.,
Revolve o coração e o pensamento,
Qual travessa criança.

Julgam talvez que o Amor anda sozinho…
Ai, pobres corações!
Ciúmes o acompanham de mansinho
Munidos de ferrões.

… Trará… lará… lará…
… lari …. lari … lari…

E a rapariga galgava os cerrados com o cântaro sobraçado, alegre como uma andorinha na primavera.

Na passagem, o vento fraco brincava com os cabelos loiros que lhe caíram em desalinho, bastos e ondeantes, doirados como o brilho do sol desfalecido da tardinha. Sua voz argentina ecoava como um trinando de rouxinol lá pelas matas distantes, e os rapazes apaixonados da loira filha de Joana disseram uns para os outros, ouvindo-lhe a bela e fresca voz:

Olha a Marinete!!!

Anselmo, porém, que sempre voltava entre eles, como de costume, das lides do dia, calou-se e suspirou.

Anselmo era o mancebo mais bonito do lugar, também o mais pobre. A velha Joana era ambiciosa, não dava Marinete a qualquer! Como dizia sempre. Calava ele, portanto, no coração aquele puro amor que se expandia em suspiros repassados de

que ocultava aos demais.

Atraído o rapaz pela voz que lhe penetrava alegre como um raio de sol até ao coração, deixou-se ficar atrás, seguindo-lhe inconsciente a direção.

A voz continuava:

Amor prefere o peito delicado,
Pra mudo se ocultar
E por mais que o escondam com cuidado,
Aparece no olhar…

Oh, é o Anselmo?! Fez a moça interrompendo-se assustada, dando com o rapaz a poucos passos de distância.

Ouvi a voz da menina, balbuciou o mancebo…

Se fosse sereia então o teria assombrado, não é assim?

Nem sei se já me… assom…

Já o assombrei! Ah… ah… ah… pois então venha me ajudar a erguer este cântaro, que lhe passa o assombramento!

Pois não, disse o aldeão, e, de um impulso, colocou-lhe cauteloso a vasilha no ombro!

Juntos seguiram caminho da aldeia, ele, sentindo-se feliz; ela, expansiva, propondo uma porfia e um prêmio para quem caminhasse mais depressa pela estrada.

Sabes, Anselmo? Disse ela, parando de repente, amanhã, pela fresca da manhã, irei até o castelo

– Quando voltas?

À noite.

– Quem sabe?!

Por quê, Anselmo? Então vou pra ficar?

– Não sei, mas…

Mas... o quê?

– O Conde… se te vir…

Fica bom e casa comigo… ah… ah… ah… ora este Anselmo!

– Não sei por que ris, Marinete!...

Porque sempre tens uma lembrança!...

– Pois, olha, há dias, quando fui visitá-lo, perguntou-me se a velha Anna já se tinha mudado de suas terras… e… se…

Dize logo, rapaz!

– Se não… viria vê-lo

Mentira!... aposto que não foi isto que ele disse.

– Oh, Marinete!

Jura!

– Por esta luz que ainda clareia!... e perguntou-me mais se ainda eras muito bonita!...

E que lhe respondeste?

– Que eras… feia!...

Ah… ah… ah… e me achas feia?

– Bastante…

E esse moço é bonito, o Sr. Conde?

– Dizem as tuas companheiras, eu… não o acho

Pois, amanhã tirarei a limpo!

– Não queres que te acompanhe, Marinete?

Não… os bonitos não acompanham os feios!

Anselmo fitou-a com ternura.

Tinha chegado à porta da casinha da lavadeira, que se avistava através da cerca, sombreada de estreleiras floridas e jasmineiros perfumados.

– Adeus, Marinete!

Adeus, Anselmo!

E separaram-se: ela, cantarolando como sempre; o rapaz, levando guardadas no coração cativo aquelas palavras trocadas, e as risadas cristalinas, que lhe soavam ainda aos ouvidos, como notas alegres de música afinada.

****

Era o jovem e formoso Conde muito estimado por sua reconhecida bondade; era o último dos descendentes dos nobres fidalgos senhores daquele velho feudo de remotas tradições, de cuja fama vivia. E todos os habitantes das suas terras o respeitavam e amavam. Era rico, jovem, formoso e bom. Foi por isso que a notícia da sua grave enfermidade entristeceu a todos.

E não se passava dia ou noite que se não encontrasse à entrada do castelo os habitantes das aldeolas vizinhas, ou mensageiros vindos de longe à cata de notícias da saúde do moço fidalgo.

Estava bem mal, resfriar-se em uma caçada, a febre atacara-lhe o cérebro, estava em delírio, mergulhado nos estofos do leito, rodeado de médicos e de amigos; deitara, dizem, até golfadas de sangue.

Nessa manhã, porém, umas tantas melhoras foram notadas.

– Abram todas estas janelas! disse ele aos criados, quero ar… quero a vida… quero ver a luz! a natureza!... abram todas as janelas!

Fizeram-lhe a vontade, foi ele colocado junto à janela, que olhava para o jardim, e espraiou a vista.

Momentos depois, notável estremecimento sacudiu-lhe o corpo enfraquecido.

Quem são aquelas? perguntou, apontando para as três raparigas que se aproximavam.

São aqui das vossas terras, lhe responderam, a filha da velha Joana e as da tia Lourença.

Mandem que subam, que venham cá, volveu.

Minutos depois, as três raparigas, muito acanhadas, com os olhos baixos, chegaram até o doente.

Deus lhes dê bons dias, Senhor Conde, disseram.

Voltou-se ele e fitou a lavadeira loira.

– Bom dia! Respondeu.

Como tem passado Vossa Senhoria?

Não sei… está a aparecer que me não levanto…

Ora, Sr. Conde! retorquiram as raparigas. E calaram sem saber o que mais dissessem.

Marinete, disse o doente, bem precisava eu de uma enfermeira… Não quer ficar aqui por alguns dias? Não tenho mãos carinhosas que bem desempenhe esse mister… foi tua mãe quem assistiu a minha até os últimos suspiros… mas já está tão velha!

Marinete, um tanto corada, com os olhos baixos, enrolava a ponta do lenço nos dedos, torcendo-o e distorcendo-o.

Mas… respondeu por fim, minha mãe não se levanta quase com o reumatismo que a ataca às vezes… como agora está… ficaria só.

– Posso mandar buscá-la, Marinete.

– Mas… tudo meu lá ficou espalhado…

– Tua mãe arrumará tudo.

– Ainda ficou no coradouro alguma roupa…

– Essas duas companheiras tuas poderão lavá-la

– As galinhas estão chocando agora e…

– Ora! Isso não, levá-las-emos nós para casa, até que vás, retorquiram as outras duas raparigas.

– Mas… eu…

– Não queres ficar, então? volveu o Conde, tristemente.

– Pois bem, ficarei, e minha mãe?

– Virá!

E Marinete ficou.

****

Nunca mais esquecera o moço aquela tarde de caçada em que passara pela fonte e pedira de beber à velha Joana.

Na corte, rosto algum de nobreza feminina lhe calara tanto no pensamento como o daquela gentil criança de treze anos, que lhe trouxera a água fresca!

Loira e corada, grandes olhos claros e serenos, boca vermelha e pequena, sorriso franco e os cabelos muito bastos a caírem em catadupas doiradas até as curvas dos joelhos e lhes fustigarem as faces acetinadas com fartos caracóis.

O moço matara a sede, mas trouxera no coração um não sei quê de estranho, que lhe havia nascido no coração.

Passaram-se tempos, e o Conde, que por ocasião das grandes caçadas recebia no castelo nobres famílias da corte e promovia festas e divertimentos de toda espécie; que sempre alegre e generoso visitava as suas aldeias, simples e amável para com aquela gente rústica que o respeitava com particular amizade, fechou de vez os salões do seu suntuoso castelo e nunca mais foi às herdades, nem mais se viu no reino o moço garboso e aristocrata.

Vivia em casa, aborrecido dos títulos, da nobreza, do dinheiro, do luxo e de si próprio, com inveja da vida rústica, desejando ser um simples camponês.

Triste condição da humanidade! Desejar o que não pode, querer que não deve! Mas é o amor! É o tal amor que está sempre em contradição e vai atrás do olhar.

Saía, uma ou outra vez para a caça, cavalgando o seu querido castanho e às vezes a pé, sutilmente, percorrendo as matas, avistando, sem ser pressentido, a loira Marinete curvada sobre o banco com as mangas arregaçadas e as mãos rosadas

mergulhadas na espumava e a saia sungada até os joelhos.

Ela, porém, alheia, cantando sempre aquela trova predileta, a rir-se de tudo, só tinha alerta os seus sentidos para a hora em que voltava o Anselmo do trabalho para ver-lhe o semblante querido.

Por isso, quando falou e o Conde em ficar, lembrou-se logo das palavras do rapaz.

"Quem sabe?!"

E hesitou.

Estado do moço comoveu-a e a tristeza do seu rosto impressionou; deixou-se então ficar.

Tarde, porém, quando lhe segurava ela a xícara de caldo, e a velha Joana acercaram-se do leito gemendo como sempre, o moço ergueu a vista de súbito e perguntou-lhe à queimar a roupa:

Se quisesse fazer de Marinete uma condessa, tia Joana, não quereria você?

Eu! Exclamou a moça, estremecendo, e fitando-o assustada… eu não o queria senhor!

Está delirando, coitado! volveu a velha.

Oh, não! retorquiu doente, não estou delirando, tia Joana, acho esquisito, não é assim? Mas amo-a… e há tanto tempo! É boa minha intenção pois, cedo morrerei…

Minha pobre filha é lavadeira, senhor Conde… pobre… oh, isso não!

Que tem isso? Sinto-me morrer, poucos momentos terei de vida... Talvez… quando vier outro acesso… resistirei? Só quero beneficiá-la, ela ficará rica!

E o Conde contou então seus amores.

Não quero! Disse a moça muito pálida, não quero!

Oh! minha filha! retorquiu Joana.

– Não quero, minha mãe! não quero… e desatou a cho-

rar. Bem sabia ela que a ambição da velha chegaria a sacrificá-la e obrigá-la, tinha medo. E Anselmo?

Toda essa tarde a perseguiu a velha, ora insinuando-a com ternura, ora ríspida e imperiosa. E tanto fez que, depois de grande luta, a pobre rapariga deixou-se levar como uma rola mansa que se vai prender numa gaiola de ouro.

Mas, dando sim disse consigo: Anselmo, coitado, é pobre. Mas, eu o amo, é tão bonito, tão bom! Se eu me casar com o Conde moribundo, e ele morrer logo? E as palavras do aldeão me vieram matinalmente aos lábios: "Quem sabe?!"

Apareceu-lhe então na mente a figura esbelta do camponês, o querido do seu coração, diáafana como uma nuvem e o seu semblante Belo, como o sol.

Serei Condessa! e o Anselmo também será Conde.

****

Fora extraordinário aquele casamento, que havia sido celebrado naquela manhã no castelo! Ninguém queria acreditar em tal coisa! Entretanto, corria de boca em boca essa estranha notícia:

Casou-se com uma lavadeira! Oh! o Senhor Conde diziam… Qual… Não é exato. É boato falso. E comentavam o fato.

Mas o certo é que Marinete já era Condessa, sua mãe estava muito contente; e o pobre Anselmo, louco de dor!

Triste acontecimento! Mesquinha sorte da loira lavadeira, tão descuidada da vida!

Não havia ainda terminado a tarde, quando o jovem Conde, vitimado por terrível acesso de febre, expirou-lhe nos braços!

Ela contemplou-o, comovida, e deixou correr algumas

lágrimas de pena.

Momentos depois, quando a noite desdobrou-se, Marinete ergueu-se da câmara ardente, onde lacrimejavam os círios juntos ao defunto.

Ao atravessar, porém, o terraço, tropeçou e caiu sobre um corpo inanimado. Levantou-se em meio corpo e viu, a tremer de susto, um cadáver nadando em sangue, curvou-se até o rosto do desgraçado e soltou dois gritos estridentes:

Morto?! Anselmo?!...

Ergueu-se de novo recuando, e soltou então longas e repetidas gargalhadas, não daquelas argentinas e frescas que repercutiam na espessura longínqua da mata cerrada; bem diferentes agora, satânicas e desordenadas, como gritos de raiva!

E continuou naquelas gargalhadas a correr por todo o castelo, saindo pela porta afora e desaparecendo na espessura da noite sombria.

Anselmo, o meigo apaixonado da formosa lavadeira da aldeia, desesperou-se, coitado, depois que a soubera condessa, cravando um punhal no peito, foi morrer no terraço do Castelo, divisando ainda de longe o semblante adorado da escolhida do seu coração.

Talvez que a querida imagem da sua amada de ficasse gravada nas pupilas ao lhe extinguir a vida!

Foram encontrar Marinete no dia seguinte sentada à margem da fonte com o cântaro ao colo a cantar sua trova, e a rir de tudo…de um pássaro que voasse, de uma folha que caísse, ou de uma gota d'água que tremesse na relva.

Que fazes aí, Marinete? Perguntaram-lhe consternadas as suas companheiras.

Espero Anselmo!

Para quê?

Para me ajudar com este cântaro… estou zangada com

ele… chamou-me ontem de feia!

Tu o viste ontem?

Ah!... ah!... ah!... Ora está! Ele me disse "Quem sabe?!"

Não é Condessa? Tornaram-lhe.

Encolheu ela os ombros e começou a cantar de novo, brincando com os pés mimosos dentro da água e levantando com as mãos rosadas chuvas de respingos cristalinos.

Todos os dias, quem quisesse vê-la daí em diante era ir à fonte, e lá a encontraria com seu cântaro cheio à espera de Anselmo. Passava ali noites inteiras a conversar com as florezinhas que via desbotoarem na margem ou com as estrelas que brilhavam lá em cima. Às vezes, altas horas, quando o povoado repousava, rompia o silêncio da noite e sua voz suave, cantando com doçura.

"As estrelas também são lindas flores.
são flores de azulino!
Não exalam perfume nem têm cores,
mas têm o brilho fino…

"E as flores? São estrelas colorida
na terra despontando.
Quando todas aqui já são surgidas,
vão as de lá se apagando…

****

Se alguma rapariga do lugar, acordada ainda àquela hora, ouvia a voz da louca, erguia logo, amedrontada, uma oração, pedindo a Deus – que lhe não desse a sorte de Marinete. E cobria-se, sobressaltada, com a varanda da rede!

Todos no lugarejo chamavam-na "Louca da Fonte".

A tia Joana vivia chorar arrependida, lá na sua pobre casinha, despida agora das sombras das estreleiras e dos jasminzeiros floridos, que haviam secados.

E o velho Castelo caía em ruínas, cobria-se de hera, abandonado ao tempo.

CONTO DE NATAL

Ao Dr. Justo Jansen

Dorme, filhinha, que é que tem hoje? São horas de dormir… olha, escuta: uma… duas… três… quatro... onze horas no campanário da matriz.

– Mas, não tenho sono…

Que tens, então?

– Não sei.

Fecha os olhos que virá o sono.

– Mamãe, sabes? Filha da vizinha me contou que vai pôr uns sapatinhos novos em cima do fogão para o velho Natal encher de brinquedos.

Sim, filhinha, a mamãe da tua amiguinha é rica, e a tua é pobre e doente, nem tem uns sapatinhos velhos.

Nelcita suspirou.

Mãezinha, disse, o menino Jesus é quem manda o velho Natal trazer brinquedos? [1]

****

– É, filhinha.

E quando não se tem sapatos?

– Quando não se tem sapatos, reza-se, pede-se o pão de cada dia e vai-se dormir caladinha.

Eu quero rezar, mamãe.

– Pois reza.

Nelcita ajoelhou-se na esteira e pôs as mãozinhas:

Rezo aquela que me ensinaste, mamãe?

– Reza.

Nelcita começou:

"Loiro menino lá da lapinha
da casa humilde lá de Belém
lembra-te hoje da pobrezinha.

Ó mãe querida, Mãe protetora
que certamente lá nas alturas
lembras-te hoje da manjedoura,

Das santas horas da noite em meio,
quando no pouso da caminhada
loiro Messias ao mundo veio;

1 No exemplar a que se teve acesso, aparentemente há mais três palavras logo após a interrogação, porém, por falha de impressão, tais palavras estão ilegíveis, o que não altera a compreensão do texto. (Nota do Editor)

Pede, Mãezinha, pede ao Rabino
que venha hoje brincar comigo
às horas tantas, mas pequenino.

Pequeno e loiro como era outrora
quando brincava com o São João
juntinho a ti, Nossa senhora.

Dize ao menino, Mamãe querida,
que é minha choça, com manjedoura
bem parecida.

Bem pequenina sou eu também,
mas muito pobre, sem sapatinhos,
sem um vintém!

Pelo sinal da Santa Cruz
ouvi meus rogos, Cristo e Maria
amém, Jesus.

– Agora, vá dormir minha filha
Mamãe, peço também…
Pedes quê?
Doce de leite?
Oh, Filhinha. Isso é tolice, vá deitar-se!
A pequena levou a ponta do vestidinho aos olhos cheios d'água.

– Estás chorando, Nelcita?
Mas... gosto tanto… de doce de leite…
– Pois o menino Jesus não gosta das meninas gulosas e

choronas!...

Ouviu?

Nelcita foi deitar-se, choramingando.

Pouco depois, ambas dormiam, alumiadas pela luz mortiça de uma candeia, pobre de azeite.

****

Meia-noite. Soara a hora sagrada; na rua, no burburinho de festa de alegria, os fiéis corriam às igrejas e aos presépios.

Maria, a mãe de Nelcita, como que acordada estremunhada não com as doze badaladas da matriz, mas com uma larga faixa de luz intensa e ofuscante que lhe transpassara as pálpebras.

Volveu os olhos assustados à miserável esteira que servia de cama a Nelcina.

Oh, céu, que viu!

Na mesma esteira estavam duas crianças!

Uma de joelhos, mãos postas, olhar docemente erguido e lábios entreabertos, numa atitude angelical de ventura e êxtases, de humildade e candura: era sua filha.

A outra, de pé, rosto Divino e meigo, olhos azuis e dulcíssimos, tez branca e imaculada, fronte serena, aureolada por fatos anéis cor de ouro; a boca rubra e mimosa sorria castamente como o fresco botão da flor entreabrindo as pétalas.

Pés nus, mãos galantes, mais pareciam feitos de rosa e leite.

Uma túnica cor de púrpura sungada a cintura por um cordão branco, era o singelo traje da gentil criança.

Maria quis erguesse, mas não pôde, faltaram-lhe as per-

nas, quis falar, prendeu-se-lhe a língua; e, no entanto, estava vendo tudo tão nítido, tão perfeito!

Viu, depois, o lindo desconhecido beijar a testa da pequenita e ouviu ao mesmo tempo uma voz melodiosa e doce, como deve ser a música do céu, que dizia:

Vamos brincar comigo, Nelcita, olha meus pés… não ando de sapatinhos, anda descalço como tu… não visito as crianças ricas na noite de Natal, vão por mim, os anjos, só visito as mansardas parecidas com a manjedoura onde nasci… vem, vem comigo. Dar-te-ei duas asinhas brancas, uma corda de luzes e uma palma de ouro.

A pequena sorriu-se e murmurou:

Vamos.

Porta da rua abriu-se, então uma onda de luz mais forte encheu a palhoça e, em meio da faixa luminosa, saiu a graciosa e loira aparição.

Nelcita gemeu, então.

Mamãe, tenho sede… dá-me água! Tenho febre!

Maria não podia falar, não podia erguer-se, não podia fazer um movimento.

– Tenho sede…quero água! Tenho a garganta seca, mamãe!

Maria ouvia tudo sem se mexer.

Ó, mãezinha!... fez a criança e caiu estendida no leito. Um sorriso venturoso e angélico aflorou-lhe aos lábios e suas mãozinhas cruzaram-se sobre o peito.

Sua alma tinha voado para paragens azuis.

A mãe fez, então, um supremo esforço, soltou um grito agudo e… despertou

Mamãe!... Mamãe! Chamou a pequena.

Nelcita chamava-a e sacudia-a.

Oh! disse a rapariga passando as mãos pelo rosto, que sonho!

Que foi que tu sonhaste, mãezinha? Espantaste-me

A mãe contou o sonho.

Nelcita abriu o queixo num berreiro:

An… an… an… só eu que……

– Que é menina?!

Só eu que não sonhei com o Menino Jesus… an… an…

Nem sonhaste com coisa alguma?

Sonhei só que… estava comendo… doce de leite…

NA PRAIA

A Américo Reis

Gostava bem da vida que levava na praia. Todas as manhãs de tardes, unida a outras companheiras, lá íamos esperar os barquinhos dos pescadores, sentadas na barreira em animadas prosas. Conhecíamos já quase todos os pescadores daqueles arredores e sabíamos os nomes de todas as canoas e barcos.

O velho Marcos era de todos quem mais dava-se conosco, todos os dias projetávamos um passeio na sua "Gaivota", mas sempre nos dizia o bom velho: He! He!, Mas é boazinha canoa, obedece muito ao leme, que eu governo, e quando tufa-se-lhe a vela vai por aí que é um peixinho, e então é que se vê o bonito. Era sempre assim que respondia.

Uma tarde, lembro-me bem, éramos três. Sem pensar-

mos na nossa temeridade, desatamos uma canoa era a "Teimosa", e fizemos nos ao largo, confiadas nos nossos remos e na quietude da maré. Todas experimentamos o leme, e depois remamos a bom remar. Experimentamos também a linha de pescar que encontramos dentro de uma cuia ao fundo da canoa, porém nada de peixe e assim, entretidas, levamos algum tempo. Quando nos lembramos de voltar, não houve leme, nem remos, que trouxesse a canoa, a "Teimosa" teimava cada vez mais para adiante, sem governo já, porque havíamos largado tudo, esse não foram pescador, o tio Lourenço, com a sua "Flor da Barra", por certo não estaria eu aqui falando. Quando nos apanhamos em terra, fizemos cruzes, protestando nunca mais!

Foi o velho Marcos quem nos veio ajudar a desembarcar. Então, he! he!, Disse-nos com a sua habitual risadinha, a "Teimosa" sempre pregou um susto as meninas, felizmente lá estava perto o Lourenço, senão, tinha hoje os peixes boa ceia, he! he! he! As meninas estão molhadas e com certeza têm fome, a nossa casa fica mais perto, e se quiserem… lá está a Rufina, com a criançada, é choupana de pobre, não faça cerimônia.

Não estávamos assim tão molhadas, mas tínhamos, com efeito, muita fome, e, como conhecíamos a boa Rufina, aceitamos de bom grado o convite e nos dirigimos para lá, acompanhada do pescador.

Chegamos à pequena casinha de palha e fomos obsequiosamente recebidas pela mulher e filhos do tio Marcos, [que] estavam na faina do conserto de peixe.

Boa noite, tia Rufina, boa noite, meninos; licença para três, dissemos nós.

Deus lhe dê muito boas noites, senhoras, pois não, pode entrar, a casa é nossa, respondeu. Ó, crianças, venham tomar

a benção às moças. Julião, vai buscar a garrafinha de vinho de caju.

Não se incomode, dizíamos, ora se fosse para isso, não teríamos vindo.

Não, meninas, tudo isso é gosto, retorquiu o tio Marcos; olha, Rufina, elas estão com muita fome.

O jantar está quase pronto, respondeu a boa mulher. Vai já pôr a mesa, Luzia, minhas senhoras, não reparem, estão em casa de pobres que só têm desejo de agradar. Depressa, Luzia.

Era um gosto ver a limpeza e asseio de tudo, compunha-se a mobília da sala de quatro bancos, dois cepos, uma banquinha bem velha no meio da casa e uma prateleira ao lado com um pequeno oratório cheio de imagens descoloridas.

Em um canto se achavam alguns utensílios de barcos, e aparelhos de pesca e, na parede, pendurada uma tarrafa já velha.

Na varanda, andavam açodados, para lá e para cá. A Luzia, com uma esperteza própria da sua idade, estendeu na mesa da sala uma toalha muito alva e alguns pratos, trazendo em seguida o peixe guisado, muito cheiroso.

Abanquem-se, meninas, não precisa cerimônia, a janta não é cousa que preste, mas serve para entaipar o estômago até irem para casa. Crianças, vocês vão ali para a meaçaba! Traga as moças, tio Marcos. Assim falava boa mulher, enquanto arrumava os bancos em roda da mesa, venham, venha enquanto está quentinho!

Nós, já se sabe, tomamos lugares, e comemos como frades, com excelente apetite, tudo metia gosto – o asseio, a boa vontade e até o cheiro do peixe, de que estava impregnada toda aquela casinha. Tudo ali cheirava a maresia, até os pequenitos

que nos vinham encostar com os dedinhos na boca e o queixo babado.

Terminada a refeição, lembrou-se uma das minhas companheiras de pedir aos velhos que nos contassem o motivo do medo que tinha os moradores dali de passar à noite junto a um tronco decepado de uma velha laranjeira, que havia distante do povoado, perto de uma cancela já toda desmantelada.

"Quem disse pode contar isso é o Marcos, minhas senhoras, por ser mais lembrado", respondeu tia Rufina, é um fato muito triste.

Conte-nos, tio Marcos. Conte-nos, tio Marcos, pedimos todas a um tempo!

– Eu já não me recordo bem dessa história, meninas, não é muito lá curta e tem sua razão de ser, mas, isto de medo não é comigo, he! he! he! Passo por ali a qualquer hora do dia ou da noite. As senhoras não são moças medrosas, não é assim?

Oh! Não, não! Respondemos.

– Pelo menos mostraram bem, esta tarde com a "Teimosa", do Cipriano da Prainha, he! he!; pois bem, lá vai a história, vamos ver se me lembro.

"Aquela laranjeira, senhora donas, foi ali plantada pelas mãos bonitas da Cora, filha do velho Cipriano, dono da canoa que as meninas levaram esta tarde. Era bem pequena ainda quando a plantou; pobre criança! E a sua laranjeira cresceu consigo, viçosa e bonita como a dona. Molhava-a todos os dias, tratando-a com maior cuidado, e, tão alegre, dizia sempre nas suas conversas – "hei de pôr as flores da minha laranjeira no dia do meu casamento, se algum dia me casar". Era muito alegre e engraçada em criança, e, depois de moça, viva e faceira; nós a chamávamos – Rouxinol da Praia, vivia sempre a

cantar aquela pequena! Estava sempre a rir e a contar histórias. Diziam que saíra a mim.

Não havia por cá rapaz algum que lhe caísse em graça; quando iam pedi-la, respondia logo com o muxoxo – e ainda não se tinha florido sua laranjeira, e não podia, portanto, formar casamento, e passava assim a vida descuidada; mas… é certo o que dizem – não há bem que sempre dure, nem mal que se não acabe, – foi o que aconteceu.

Apareceu por aqui um moço, não sei vindo de onde, veio passar uma temporada, antes cá não viesse, minhas senhoras! Apaixonou-se pela Cora e ela por ele! Pediu-a em casamento antes de se ir embora e ficou tudo justo, menos o dia, pois persistia a Cora na tal mania da sua laranjeira. Desde então vinha ele sempre visitá-la, era um bom moço, isso era, foi infeliz, coitado!... Debaixo da laranjeira era a amorosa conversa… conversavam eles lá, enquanto a mãe da pequena fazia a rendas para o enxoval, ouvia-se só o treque, treque, e o tagarelar da Cora com o noivo.

Era ela, porém amada por outro aqui, que lhe não perdoou a preferência ao outro e esse pobre atentado do demônio jaz na cadeia; amava-a em segredo, e quis tirar um dia a sua desforra.

Viram-no por aquela cancela, quebrada hoje, por abandono; levava a sua espingarda ao ombro, pois era bom caçador, e ninguém incomodou-se com isso.

Ora, muito bem, aí pela tardinha fora Cora com a mãe esperar o senhor Raul (era assim o nome do noivo) e... poucas horas depois, ouviu-se um tiro, perto da boca do caminho.

Foi veado… foi cutia… que o Felipe atirou… e isto, e aquilo, mas, qual nada! Daí a pouco, entra correr como doido

o noivo de Cora, gritando pelo nome dela com uma das mãos no peito apertando uma ferida. Era de ver o sangue a jorrar em borbotões.

Coitadinhos dos dois! Foi ele cair no braço da rapariga, debaixo da laranjeira, e lá expirou… Parece que ainda vejo a desventurada Cora soltar aquela estridente gargalhada, em vez de chorar, quando, ao mesmo instante, uma forte rajada de vento sacudiu a árvore que pela primeira vez, se havia florido naqueles seis ou oito dias… uma chuva branca de flores cheirosas caíra sobre eles!…

Enlouquecera na mesma hora… e ao mesmo instante, gritava e ria de meter dó! Fazia a gente chorar.

– Agora, laranjeira … agora! Para que quero mais tuas flores! ah… ah… ah… guarda as para ti, não as quero mais, ah! Sabiam que ele hoje morreria estas malditas e não disseram nada, enganaram-me! Olhem aquelas que nadam na poça de sangue, estão rindo de mim!

Tudo isso dizia pequena, já fora de si, e assim ficou daí por diante, até o dia em que Deus foi servido chamá-la também, o que não tardou muito.

Antes de morrer, não descansou enquanto não derrubou-se a laranjeira… e assim ficou só o tronco, como está!... Sinto ainda arrepios quando me lembro!

E pelas enrugadas fáceis do velho pescador rolaram duas lágrimas, que ele enxugou com as costas das mãos, e prosseguiu:

Pois foi assim, minhas meninas, foi assim… e é por esse motivo que os moradores aqui da praia têm medo ainda de passar junto daquele tronco carcomido pelo tempo, que já vai longe!

****

Muito entristeceu-nos aquele fato que tão singelamente contou-nos o velho Marcos: e, horas depois, quando nos dirigimos para casa, foi com imensa pena que olhamos para o tronco decepado.

Depois dessa nossa arriscada aventura de pesca ao largo, nunca mais premeditamos outra, mas dirigíamos sempre os nossos passeios à casa do velho pescador, principalmente apertadas pela fome; e, após a ceia ou o almoço aos domingos, contava-nos ele bem bonita e interessantes historietas, que prometo de quando em vez e relatando ao leitor.

O SOPRO DE DEUS

A Viriato Corrêa

Oh, Dona Sinhá… está tão retraída hoje… estará zangada?

Não, senhor!

Mas, está assim tão triste… veio até se esconder no vão desta janela…

Mas, não tenho nada.

Ora qual! anda aqui mistério! Uma menina alegre e trocista, que foge das companheiras e dos brinquedos… é que alguma nuvem ele pesa na cabecinha… deixemos de histórias!

Senhor Libânio… faz favor de me deixa em paz?

Enquanto não me disser qual é a nuvem…

Não tenho nuvem alguma!

Ah! Isso não é verdade, pelo menos tem um ramalhete bem mimoso delas preso à cintura.

Mas, não é o senhor que diz!

Foi então algum padre nosso do papá.

Papai não é beato.

Ah! já sei… sua orelhinha esquerda está um tanto vermelha... Hum!

Ninguém me puxa mais as orelhas. Que maçada! deixe de cacetear, não quero conversas!

Pois eu quero conversar com a menina!

E o Libânio puxou uma cadeira para junto da Sinhá, que com uma graciosa vira- volta, amuada, deixou-o com a cara de palmo e meio, e se foi para a sala de jantar.

Que menina malcriada! Disse o velho, vendo-a afastar-se arrebatadamente.

Se eu fosse malcriada não teria crescido! Respondeu-lhe ainda a menina.

E nem seria tão bonita! Acrescentou o Libânio, levantando-se.

– Annita, a quem cabiam as honras da festa desse dia, a irmã mais velha, que completava dezoito anos, veio ter com os convidados.

Para a mesa, disse amavelmente, para a mesa, meus senhores e senhoras! O jantar esfria… oh! Viva, Senhor Libânio! Julguei que não viesse, demorou-se tanto…

Meus cumprimentos, minha senhora! Queira dar-me a honra de aceitá-los!

Muito obrigado. Que há de novo?

De novo! é que a senhora é sua mana acaba de dar-me uma grande rabanada neste instante… se não fosse a paixão que ela me soube inspirar com toda a sua malcriação, lhe teria puxado as orelhas, porque sou amigo velho de seu pai e vi as meninas pequenas!

Desculpe, senhor Libânio, mas o senhor foi apaixonar-se

por criança… é o que acontece…

Ora, criança! A senhora também é meia criança mais, não é malcriada, como sua irmã…. As meninas deviam pelo menos respeitar as afeições dos velhos… mas não sou tão velho, como isso…

É da idade do papai se me não engano…

Qual! É mais velho que papai! Disse uma voz Argentina atrás do senhor Líbanio. Era Sinhá, que vinha passando.

Mais velho! está vendo, D. Annita?

Não repare, senhor Libânio, não faça caso, são tolices da Sinhá.

Diga malcriações!

Ela anda impressionada e nervosa com romance que leu ultimamente – *O Moço Loiro* – Conhece?

É do Macedo[1], conheço; então, se dá para ficar romântica também.

Mas isso passa, senhor Libânio, vamos para a mesa. Sinhá, traze o Senhor Libânio.

Então, ele não sabe ir?

Que é isto, Sinhá?!

É isto mesmo!...

Oh! Dona Sinhá! Parece até que já me odeia… tenha pena de…

Inda mais este chapéu!

Quê? Chapéu! a senhora está me chamando chapéu?

Ora!

E… outra rabanada!

Veja, Dona Annita, eu não admito!

A Sinhá com o ar sobranceiro viravolteara de novo, sol-

1 Referência ao romancista brasileiro Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882), autor de livros como A Moreninha, O Moço Loiro e A Luneta Mágica, obra bastante apreciadas pelo público feminino no século XIX. (Nota do Editor)

tando aquele… ora! e um estalo de língua; mas parou de repente, o ramalhete de nuvens despregara-se da cintura espalhara-se no chão.

Oh! Exclamou velho enamorado, apanhando-as, lembra-se de um pedacinho do romance O moço loiro – *ainda bem que não fui eu, foi teu sopro, meu Deus*![2] É o caso, foi o sopro de Deus, que lhe arrancou essas flores.

Eu não lhas dei!

Foi o sopro de Deus, não foi a menina…

Dê-mas!

Não dou, tenha paciência!

A menina, rubra de cólera, lançou um olhar terrível para o velho ribicundo e disse, voltando-lhe as costas.

Conte comigo!

Pobre homem estava babão pela menina, apaixonado mesmo, recorria a todas as barbearias e alfaiatarias para que o metamorfoseassem, mas qual, cada vez ficava mais ridículo com as calças justas, chapéu de abas largas, bengalinha muito flexível, a gravata larga, no requinte da moda, e uma papoula enorme na casa do paletó muito comprido.

A rapaziada tinha já tomado conta do Libânio; metiam-no em roda viva, quando aparecia em qualquer reunião, e o bobo recebia altivo e vaidoso todas as pilhérias, tomando umas por merecidos elogios.

Oh! Senhor Líbano Frias! Exclamavam os rapazes daqui e dali.

Viva o senhor Líbânio! acudiam as moças a um tempo. Distintíssimo conquistador! retorquiu um rapazinho alourado.

Das moças bonitas! Emendou o velho, com estudada inclinação de cabeça.

2 Citação literal de um trecho do capítulo VX do romance O Moço Loiro, de Joaquim Manuel de Macedo. (Nota do Editor)

Meu velho amigo, diz uma respeitável matrona, adiantando-se…

– Perdão! Velho é trapo, minha senhora, como tem passado Vossa Excelência?

Ia a senhora retrucar, quando a voz suave de Anitta fez-se ouvir junto deles:

Para a mesa, meus amigos!... Haverá três mesas: uma – a dos mais velhos: senhoras e cavalheiros; outra – a dos moços e rapazes, e da criançada por último!

Apoiado! Bradaram as moças.

Eu ficarei para segunda, disse a matrona, endireitando os bandóis da testa e estudando um sorriso faceiro.

Qui… qui… qui… riram-se as moças baixinho. Uma, porém, mais espevitada, começou a contar as pessoas, já à roda da mesa.

Perguntou outra com ar malicioso: o senhor Libânio prefere a cabeceira, não é?

Oh! Não se incomodem por minha causa, meninas, se sobrar lugar… sentar-me-ei… mas… vejam, já estão todos preenchidos… fico para a outra…

Treze! Gritou a mocinha espevitada, treze pessoas!

É mau agouro! Objetivou um rapaz, rindo à socapa.

Morre primeiro aquele que completar o número treze. Põe mais um lugar, Anitta! Disse a Sinhá, põe mais um.

Quem virá então de vocês? Venha uma daí, retorquiu a Sinhá.

– Eu não!

– Eu não!

– Nem eu!

– Nem eu… nós somos da segunda.

– Então venha um dos moços, tornou Anitta, espocando para rir.

Vá, Senhor Líbânio, repetiu a matrona por sua vez

Minha senhora, acode um mocinho com voz de falsete, é regra de civilidade ceder sempre o cavaleiro delicado o primeiro lugar às senhoras…

Ninguém perguntou por isso! Respondeu-lhe bruscamente a Sinhá, que passou-lhe em frente e, aproximando-se da mesa:

Ficarei aqui, disse, sentando-se visto, velho Libânio não querer.

– Ora! não! Sinhá. Não, Dona Sinhá! Reclamavam as moças e os rapazes.

Serei depois a criada da segunda, servirei a vossa mesa, retorquiu a menina, deixando-se ficar.

Começou então a conversa íntima e agradável sobre diversos assuntos, em roda da mesa.

Que sala fresca! disse uma senhora.

Oh! Isto às vezes aborrece, o vento atira tudo pelo chão, não se pode ter vasos sobre a mesa, os quadros mais leves caem da parede, voa tudo pelos ares, e note-se que agora estão só cinco janelas abertas, dizia a mãe das duas meninas, Dona Geminiana, uma boa criatura.

Prove estas empadas, minha senhora, pedia um cavaleiro, estão deliciosas.

Que há de novo? Pergunta um senhor, sem erguer a cabeça do prato. Tudo velho, respondia-lhe o vizinho – a vida dificílima… dinheiro, sumido… um terremoto, de vez em quando… e nada mais…

Vamos a ver quem abre maior a boca para comer! Disse a Sinhá, notando que o seu vizinho da esquerda abria uma boca medonha.

Logo vi que vinhas te sentar aqui, para dizer tolices, interveio Anitta!

Vamos ver! Retorquiu, isto não é tolice, isto é moda!

Ergueram-se os brindes, trocaram-se cumprimentos, e, momentos depois, levantaram-se todos para dar lugar à segunda mesa.

Ficaram alguns como espectadores, outros espalharam-se pela sala.

A Sinhá, que ficara de pé, começara a servir os circunstantes com perícia e tanta amabilidade, que nem parecia mais a travessa de ainda agora; só ao Senhor Libânio é que ela mandava um molequinho servir, o que dava vontade de rir baixinho às companheiras e exasperava sobremodo o velho.

Oh! Senhor Líbânio! Disse a moça espevitada da contagem dos treze, conte uma anedota, diga alguma coisa para divertir-nos.

É verdade, tenho uma bem interessante para contar.

Conte-nos, então,... conte-nos!

Pois aí vai: – foi ainda há pouco… estava conversando com dona Annita, quando passou por nós um anjo… envolto nestas nuvens, de súbito o anjo voltou-se e as nuvens caíram-lhe e aos pés…

Oh!!! fizeram todos…

– Foi o sopro de Deus! Continuo velho, curvei-me, apanhei-as e…coloquei-as na casa do meu paletó… ah… ah… ah… ah… ah…!

Quis o Libânio, desse modo, vingasse da picoeta da Sinhá.

Todos os olhares voltaram-se para menina, que empalidecera de cólera.

Mas moças, são às vezes mazinhas umas para as outras.

Bravo! exclamaram algumas, o anjo que vimos envolta nessas nuvens, ainda há pouco, era Sinhá!... E está sem elas!

Meus parabéns pela conquista! objetou o mocinho de

voz de falsete.

Mas isto não se pode dizer que seja conquista, interromper o rapaz, que estava sempre a torcer os bigodes.

É… apresentamento! gritou a menina afogada pela cólera e, ao mesmo tempo, dando uma palmada na testa, dirigiu-se para as janelas que estavam fechadas… seu Antônio, disse para o criado, faça favor de abrir todas as janelas…

Ih!... Oh.. assim fica muito vento, é só para desmanchar o penteado da gente, protestou a matrona.

É só por um instante, D. Thomasia, retorquiu a menina, se acontecer alguma coisa, fecha-se de novo.

Ah!... bom! procura este rodeio para fugir do ataque, não, dona Sinhá? Disse o incorrigível enamorado.

Mudemos de assunto! Respondeu a travessa… quais são as cores da moda em Paris?

Vermelho, Branco e preto, amarelo desde o carregado até o creme! Respondeu uma jovem.

E os penteados?

Os penteados, respondeu outra, são bem frisados, são…

Não pôde, porém, terminar, pois uma formidável rajada de vento Zunira pela janela, quebrando alguns copos, as janelas bateram desesperadamente.

Virgem Nossa Senhora! Gritou a matrona apontando para o senhor Libânio, que é aquilo?

– Quá… quá… quá… quá…

– Quá… quá… quá… quá…

Hilaridade geral.

Cabeleira postiça do senhor Libânio tinha sido bruscamente levantada pela rajada e virada do avesso como um chapéu, ficando de presa por uma ponta a flutuar.

Isto é uma falta de respeito… vociferou ele, sem saber de que se tratava.

– Quá… quá… quá… quá…

– Qui… qui… qui… qui…

– Isso não é mesa de gente…

– Quá… quá… quá… quá…

Virgem Maria, exclamou a matrona.

Deixe-me, velha enjoada, gritava o homem, eu…

– Quá.. quá.. quá… quá… que peça! qui… qui…qui... qui...

Arre! Com os trezentos! Que inferno! Berrava com toda a força o senhor Líbânio!

Mas o barulho era infernal, risos e gargalhadas sem cessar, o homem estava para estourar, vendo aquela algazarra, sem se lembrar de correr a mão pela cabeça que estava descoberta, alheio completamente à causa do riso geral.

Súbito, a risada argentina da Sinhá desprendeu-se atrás dele, com um alegre trinado:

Ah… ah… ah… ah… Era uma vez... ah… ah… ah… ah… um demônio de capacete na cabeça… ah… ah… ah… ah… veio uma rajada de vento e… ah… ah… ah… arrancou o capacete… ah… ah… ah… veio um anjo e o ajuntou… foi o sopro de Deus!

E mostrou a cabeleira, segurando-a por uma ponta.

Soltou o senhor Libânio um grito de angústia, levando as mãos à cabeça e levantando-se lívido, com os olhos esbugalhados e os punhos cerrados:

Minha cabeleira!... Que desastre! Acudam-me… eu morro!

O pobre homem quase tem um ataque – todos correram das salas.

Que foi? O que aconteceu! Que tem? Perguntavam… que é isto… que barulho…

Braços! Sinhá! Bravos… que infância!!!

Mas que é isso, gentes? Estão todos doidos?

O senhor Libânio não escutou mais nada, quando viu a sala de jantar repleta, saltou por cima de umas cadeiras e deitou a correr para a escada da rua, soltando pragas terríveis.

Tome a sua cabeleira, senhor Libânio… tome a cabeleira! Dizia a menina correndo atrás dele.

Mas o pobre homem desaparecera imediatamente pela porta da rua, vociferando contra toda aquela canalha.

Annita e Dona Geminiana ralharam logo ali com a Sinhá.

– Aquilo não se devia fazer! Não era de menina educada!

– Um pobre homem maníaco.

Mas a Sinhá declarou logo - que daquelas manias aturasse quem quisesse, ela que não estava arrumada.

Face então silêncio geral dos circunstantes até que Anitta convidou para brincar o padre-cura.

****

Há dias, passando por certa Rua encontrei o senhor Libânio, porém sem cabeleira.

Por que não usa mais seu adorno? Perguntei-lhe.

Como? Respondeu-me com a voz trêmula… como? Se aquele demônio pôs-me louco e me fez mostrar a cabeça assim a todos naquela! Deixei, fiquei com a calva à mostra, já nem me importo de modas, estou velho.

E ainda a ama?

Quem? Você acha?! Odeio-a!... Não me fale naquele capeta!

FRAGMENTO

A José Augusto Corrêa

… Fala, vovô, dize… ainda está muito longe?

– Não, filho de minha'alma, parece que falta pouco, sabes por onde estamos?

Por uma estrada ladeada de matas… mato, só mato.

Andemos mais um pouco.

Mas o rapazinho cansara, arfava, andara muito, era tão pequeno para aquelas viajadas.

Parou afinal num cotovelo da estrada.

Paraste, meu amor, perguntou o cego, cansaste já?

Tenho fome, disse a criança.

– Deus meu!... Nem sabes que não temos mais migalha, volveu o velho com lágrimas na voz.

Descansemos, então, sentemo-nos aqui, vovô.

E o pequeno puxou brandamente pela mão do velhinho trôpego e enfraquecido, e sentaram-se ambos à margem do caminho, à sombra benfazeja de um pequizeiro que se derreava para a estrada.

Conversaram algures; o menino colheu das goiabas maduras que amarelavam por ali perto das goiabeiras pejadas de frutos.

Mas a fadiga e a fome em breve lhe trouxeram o sono.

Ele deixou-se vencer, e a cabeça do pobrezinho pousou no colo do velho mendigo no sono reparador; dormiu profundamente, dormiu muito.

Como é protetor o sono!

Pobre criança, falou consigo o cego, que será de ti amanhã ou depois sem o agasalho do corpo e do carinho, sem o agasalho do afeto?

Meus dias estão passados!

Bem o poderia ter levado a mãe, quando morreu, santa criatura…

Faz dez anos agora que ela se foi, coitada, logo ao primeiro vagido que o inocente soltou no mundo.

E o cego alisava os negros caracóis daquela cabecinha querida, apalpava o rostinho macio e o fato[1] esburacado, acomodava melhor ao colo aquele corpinho débil e fatigado.

– Ao menos ele está a dormir.

– Mas que lhe hei de dar para comer, estava ainda há pouco a se queixar de fome.

E das suas órbitas brancas, completamente brancas e apagadas, correram dois fios longos que se foram espargir em

1 Fato aqui utilizado como tipo de roupa, paletó. No conto Galo da Missa, essa palavra foi utilizada no diminutivo, fatinho, quando se referia às vestes de seu Dico. (Nota do Editor)

gotas muito trêmulas pelo rosto da criança.

Logo o pequeno despertou assustado, esfregando os olhos.

Já acordaste, filho, indagou o velhinho?

Sim, vovô, mas eu… sonhava...

– Com quem?

Não sei bem.

Conta-me, flor, conta-me o teu sonho.

E o homem enxugou os olhos com as mangas da camisa esfarrapada.

Oh, vovozinho, tu choraste, indagou o pequeno assustado, choraste de fome?

Não, minha flor, caiu-me cisco nos olhos… mas conta-me o teu sonho.

– Ah! o meu sonho?

O rapazinho sentou-se:

Olha, vovô, nem sei bem onde estava eu, mas… estava só.

O velhinho estremeceu.

Estás a tremer, avozinho!

Não, filho, foi uma formiga que mordeu-me aqui num dedo, continua.

"Estava só em um lugar tão escuro…era um caminho muito escuro mesmo.

"Chamei por o vovô até que cansei, nada, ninguém!

"Daí a pouco, comecei a sentir muito frio… mas que frio, vovô, que frio!

"Nunca o senti assim, acordado… Parece até que ainda o estou sentindo.

"Comecei então a chorar, chorei muito, já nem podia

mais.

"De repente, ouço uma voz muito perto de mim: nem tu imaginas como era suave a voz que me falou, como era doce, como soou-me aos ouvidos,!

"Que queres? perguntou-me.

"Não sei… estou perdido, respondi.

"Vem, disse-me a voz, anda para adiante. Mas que ternura naquela voz cariciosa, não sei que encanto.

"E um clarão estranho fez-se de súbito em meio daquela escuridão, nem sei que luz era aquela, vovô, inda mais triste que a dos luares, inda mais clara, inda mais serena, penetrava ainda mais lá dentro da alma. Era uma onda somente, mas que doce e claridade que se derramava sobre minha cabeça… nunca vi luz assim na minha vida.

"E a voz misteriosa me dizia: adiante:

"Vem.

"Comecei então a andar, e a voz cheia de ternura, sempre a me falar. E a luz suave a caminhar também comigo como um véu de prata por sobre mim, alumiando uma vereda que ora se alargava, ora se estreitava ainda mais.

"Eu tiritava sempre de frio… que frio aquele!

"Andei, andei muito e por minha vista passou tanta coisa, tanta coisa linda, que nem sei contá-las. Mas outras vezes vi coisas muito feias, bichos horríveis, abismos enormes.

"Mas, afinal, parei.

"Cansaste? perguntou-me a voz minha companheira.

"Cansei, respondi.

"Tem que ir até o final, anda mais um pouco.

"Não posso.

"Vamos, pediu-me a voz, tens que ir.

"E havia tanta brandura naquele som mavioso que não resisti e continuei a andar.

"Cheguei, por fim, a um lugar esquisito, sem começo nem fim, cheio de tristeza, onde vi chorando muitas mulheres.

"Todas tinham os olhos apagados como os teus, vovô, não tinham brilho, mas as suas pupilas não eram tão brancas assim como as tuas.

"E quando reparei bem, vi que todas aquelas criaturas tinham o coração pelo lado de fora bem sobre o peito a palpitarem em contorções e a gotejarem sangue.

"Onde estou eu? perguntei e a tremer de susto.

"Mas a voz de anjo me respondeu apenas:

"Vamos.

"São cegas todas aquelas mulheres, insistir?

– " A luz dos seus olhos anda por lá.

– "Por onde?

"Vamos, respondeu-me a voz numa ternura magoada.

"Mas... e este coração que aqui está caído, e este que aqui está sangrando tanto? perguntei ainda, e apanhei entre as mãos o coração que ali palpitava abandonado.

"Queres saber, avozinho?... Estava quente aquele músculo estava tão quente…, porque tu já me disseste uma vez que o coração é um músculo, não é verdade?

"Não sei o que de mim se apossou, não sei que deliciosa suavidade tocou minha alma… o que sei é que me senti cair de joelhos numa deliciosa adoração.

"Suspendi bem alto aquele fardo leve, bem à altura daquela luz branca e misteriosamente clara, que inundava-me; senti bem perto de mim aquele calor, e tanto, que me aliviou do frio que me tranzia.

"E pelo meu rosto caíram algumas daquelas gotas vermelhas e mornas.

"Foi então que acordei: vovozinho, era o planto dos teus olhos que me caía pelas faces…"

– Mas eu não chorei, meu amor, foi do argueiro[2].

– Sim, foi do argueiro

O cego suspirou profundamente.

Vamos, vovô, vamo-nos pôr a caminho.

Escuta, meu amor, escuta um pouquinho ainda: sabes que atalho foi aquele por onde andaste em sonho? Foi o caminho da tua vida, e tudo aquilo que viste deves esperar.

– Até aquelas coisas feias, aqueles abismos, aqueles bichos horrendos?

– São as lutas que tens de sustentar pela vida. E do que viste de belo, ficou de alguma coisa na memória?

Sim, alguma coisa: minas de ouro, cofres cheios de moeda, casarias, estradas, planícies verdejantes e floridas, montanhas e torres muito altas, mares sossegados, de águas muito verdes, ponteados de velinhas brancas e tufadas, rios claros descendo a toda a pressa pelos pedregulhos, muita gente, muitas carruagens e palácio enorme, cheio de bandeiras de ouro, e todo crivado de pedrarias e todo iluminado…

E tantas coisas mais… que nem sei mesmo o que deviam ser.

O velho suspirou de novo, e através da névoa dos seus olhos, como que deslumbrou um clarão furtivo. Assim faz-se o relâmpago nas trevas da noite.

– Hás de ser rico, disse o velhinho, hás de ser rico, meu filho, e farás muitas viagens por esses mares, por essas terras

2 Argueiro é sinônimo de cisco.(Nota do editor)

de além.

E suspirou ainda longamente, como se o aliviasse de um grande peso.

– E aquele frio, avozinho, aquele frio intenso que me inteiriçava os membros, que me estalava os ossos?

Foi a alma de tua mãe que se aproximou da tua, meu amor, e a voz que te respondia era a sua, porque só as mães têm essa carícia na voz, só elas têm essa doçura.

– E todas aquelas mulheres que vi chorando tanto, com o coração pelo lado de fora a sangrar… a sangrar...

Eram também mães, meu filho, mães cujos filhos sofrem na terra, desgarrados.

Não eram cegas, não, somente a luz dos seus olhos anda aqui pela terra, num sacrifício de triste peregrinação e de amor eterno; anda por aqui derramada dentro das pupilas dos órfãos do seu afeto terreno.

Repara que eles, esses meninos sem mãe, têm os olhos mais brilhantes que toda a gente.

É por isso que esse clarão sutil que se derramou sobre ti naquelas trevas era assim tão suave e ainda mais triste que o dos plenilúnios.

Foi por isso que essa onda de luz te penetrou assim, até o fundo da alma; e ela não te abandonará nunca às escuras, eu to juro nem mesmo depois da tua morte.

Aquele coração que adoraste, foi de tua mãe que ali o deixou caído, na pressa de acudir-te, quando sentiu fora do corpo teu espírito solitário a peregrinar pelos mundos ignotos e insondáveis do teu sonho inocente misterioso.

E sempre que te sentir inclinado para o mal, sempre que te sentires desanimar nas lutas pela vida, sempre que sentir des-

sa fragilidade do teu eu, a pequenez de tua personalidade sobre a terra, e não de sentires capaz de sacrifício da palavra pelo caráter das honras pela honra….

Oh! Meu filho de minha alma, pede então a Deus, nesses transes que te mande essa luz diamantina iluminar a consciência, que te mande aquele coração gotejar dentro do teu, deixando-te a alma aquecida pelo seu calor.

– Sim, meu amor, deixando-te o seu calor vivificante, em meio das tuas atribulações, deixando-te resignação em meio das tuas lágrimas e dos teus infortúnios.

Porque tens que chorar muito… não vês?... Estavas só lá no teu sonho, chamaste por mim em tamanha aflição, meu filhinho, é que me hás de chamar um dia e minha boca fria te não responderá mais na vida e ficarás só no mundo.

– O pequeno ergueu-se com os olhos rasos d'água e pediu com voz de choro:

Oh, paizinho, cala-te! Vamo-nos embora!

Vamos, meu amor, não chores, dá-me a tua mão.

E os dois seguiram pela estrada afora, pedindo numa voz dolente aos transeuntes que passavam:

Uma esmola, pelo amor de Deus…

TRÊS QUE ESPERAM

Ao Dr. Tasso Coelho

– E a chuva a desabar… e nada do Valentim!

Oras, que horas já não serão?

Todo o mundo já lá se vai para o serviço!

Ah, ali vem o Zé Honorato:

– Ó, seu Zé Honorato!

– Bom dia, Dona Josefa, como tem passado?

– Ora, como hei de passar... à espera do Valentim! Até a esta hora, pois, o rapaz nunca me fez destas, não, senhor!

– Homem, o Valentim… ainda ontem à boquinha da noite falei com o Valentim…

– Ora, ontem à boquinha da noite! estou falando hoje, seu Zé Honorato hoje pelas duas ou três da madrugada, saiu-me o rapaz para o mato!

– Foi à cata de uma paca que anda farejando lá pelas matas do Gama…

Mas, isto já não são mais horas!

Querem ver que foi de camaradagem com tal Manoel da Tereza.

Um! Olhe, Dona Josefa, o Valentim é um bom rapazinho, mas está de amizade com o Manoel…

– Ah, Eu também não gosto…

Lá caiu a chuva, não disse? Entre, seu Zé, entre que é pancada grossa.

– É chuva de caju, Dona Josefa, os cajuzinhos estão amarelando, e as flores todas secas pelo chão, a chuva é passageira.

E o Zé Honorato entrou e puxou um banco:

– Aí… corpo velho cansado, aí… olhe, Dona Josefa, o reumatismo me tem maltratado esta perna esquerda…

E que é que você usa?

– Homem, eu agora estou usando emplastro de pião bravo.

– Pois esfregue-lhe aguardente canforada, que pião nada faz, dê-lhe de aguardente…

– Mas, deveras!... nada do meu rapaz.

Naturalmente está também por aí a esperar a chuva.

– Qual água chuva o quê?, ele vem muitas vezes por baixo de outras mais fortes e mais aguadas.

– Não gosto nada desta amizade do Valentim com o Manoel, Dona Josefa.

Nem eu, e já disse mais de uma vez, tenho dito isso ao senhor meu filho!

Embirro com cada aparvalhada daquele malandro.

– É só malandro? bebe como areia da praia e… é um grandessíssimo tratante.

– É um grandessíssimo tratante lho digo eu, comprou-

-me, o ano atrasado, uma junta de bois de carro e… pagou-me a senhora?... Ele também pagou!

Ah, sim, lembro-me dessa questão, você andou até pelo juiz e… afinal?

Afinal? e afinal… a senhora. não sabe o que é não ter dinheiro? Ficou tudo por isto mesmo e o maldito ainda por cima me andou ameaçando com tiros de espingarda!

– E você?

Eu? Eu se quis criei outra junta para vender este ano…

Qual, seu Zé, fosse isso comigo! Ou ele me pagava os bois, ou eu não sairia da cacunda do tal juiz, ou do contrário… era descomposturas rasa em Manoéis em juiz de Manoéis e no diabo que os leve! Ora, você é um moleirão!

Não, minha amiga, eu não quero questões, o que não quis foi desgraçar-me, porque… ele me dava um tiro e eu dava-lhe quatro…

Oh!!! E se os tiros dele o matassem?

– Homem… eu sei lá, eu mesmo, para falar a verdade, nem sei por onde vai a pontaria…

– Mas, que será isto? Estou aqui a conversar, mas não me sai do pensamento esta demora!

Nesse momento, bateram à porta.

Era um rapazito que fora chamar o Zé Honorato:

– Papai mandou dizer, seu Zé, para você ir lá depressa.

– Homem, como soube teu pai que eu estava aqui?

– Foi ali na quitanda que disseram.

Ah! está bom.

A pobre mulher passeava inquieta de um para outro lado, monologando sempre.

– Bem, Dona Josefa, vou lá ver a que me chamam, que ainda tenho que levar estas compras em casa e voltar para o corte da cana que está ficando vinhosa.

– Passe bem, seu Zé, e veja se me encontra o senhor meu filho por aí. Tenho que ir também para o corte do arroz das minhas roças; os maracanãs e os periquitos é só o que estragam… e ele bem que o sabe

E Zé Honorato saiu.

Cessara a chuva e pelo ambiente se espalharam um cheiro de terra molhada e de folhas verdes.

****

Duas horas da madrugada. Se bem que negras e gigantescas sombras envolvam ainda a natureza, já se vai estendendo por sobre as ramas orvalhadas, por sobre a terra umedecida, uma indecisa claridade, apenas alguns vislumbres que mostram ao de leve o contorno das árvores da floresta e a fita larga e branca da estrada do Gama

Um sopro resfriado passa pela natureza, farfalhando de manso pelas frondes selvagens, embalando suavemente as carnaubeiras dos claros e sacudindo ao chão as flores acremente perfumadas da copaíba e do pau d'Arco.

E já se ouve um ou outro pipilar nos ninhos que se dependuram nos galhos.

E os galos da vila, perto, jamais de uma vez cantaram.

Súbito, um vulto negro desenha-se na estrada. Anda apressado, para, anda de novo, escuta, olha para um e outro lado.

Tudo isto perceberia quem o estivesse seguindo.

Roupa escura, chapéu de couro, pés descalços e facão à cintura.

Penetra no espesso da floresta, sai para uma clareira, escuta ainda, e interna-se no bosque…

Na mão direita aperta o cabo de uma faca meio oculta no

punho da camisa.

Espera alguém ou alguma coisa, ao que parece.

É o Manoel.

****

A Mariquinhas andara triste na véspera daquele dia; queria mesmo deveras o Valentim.

A rapariga era filha única do velho José Honorato e da Veridiana rendeira.

– Ah! Se o velho Honorato soubesse que o Manoel, filho da Tereza, também lhe andava rondando as janelas...

– Mas ele que rondasse, só se casaria com o Valentim.

Tudo isto pensava a rapariga encostada ao portal da rua, à espera que passasse o bem amado dos seus olhos, o escolhido do seu coração.

Era tardinha, o sol já se havia deitado, quando passou o rapaz.

Estiveram conversando os dois enquanto a Veridiana, lá na varanda, trocava os bilros na almofada de renda, e o velho, lá no quintal, prendia os bezerros no curral.

Quando voltar amanhã cedo do mato, disse o rapaz, verás que bela peça e de trazer: uma paca deste tamanho…

E fez a altura com a mão direita.

Vai só, Valentim?

– Ora esta, que pergunta!... Com Deus e. Virgem Maria!

– É uma paca que me falou hoje pela manhã o Manuel.

– Não gosto do teu amigo, Valentim.

– Tu? por quê, Mariquinhas?

– Ele não te é sincero.

– Ora, tolice tua, o Manoel o que tem é ainda muita criançada, filha.

– É, vai te fiando!

– Bem, tenho que sair para o mato às duas ou três da madrugada, até amanhã, Mariquinhas.

– Amanhã, que horas?

Eu, quando voltar da paca passarei por aqui; não é assim que faço sempre?

Lá pelas cinco ou cinco e meia, o mais tardar. Não é a hora em que sais com leite da venda?

– Sim, é, responde a rapariga.

– Pois então? Até amanhã cedo, Mariquinhas.

– Sim, até…

Quando o Valentim dobrou a esquina, a rapariga lembrou-se do Manuel, com quem falara pela manhã cedo, quando saira com o leite.

Ele a seguira por um certo trecho de uma rua.

Fazia oito ou dez que lhe havia dirigido uma carta amorosa.

Ela lha devolvera.

– E ele a teimar e a segui-la aquela manhã.

Numa ocasião, parou e voltou-se, arrogante.

O senhor deseja alguma coisa?

– Sim, Maria, quero a resposta da minha carta…

Mariquinhas soltou um muxoxo.

– Olha, Maria…

– Olhe, seu Manoel, o senhor quer saber de uma coisa, ainda não lhe dei confiança de me tratar por tu, nem lhe daria confiança de responder carta nenhuma sua, ouviu bem?

– Ouvi sim, senhora princesa dos bezerros, e participo-lhe também que não lhe darei a confiança de deixá-la casar-se com o Valentim, ouviu bem?...

Vá para o inferno!

E a rapariga deu de uma rabanada e gritou continuando

o seu caminho:

Leitinho fresco! leite espumante! leite puro!

****

– Anda, Maria anda, vamos ver os bezerrinhos, que as vacas também são mães, homem!

– Anda, que ainda tenho que fazer as compras na quitanda do Zacarias. Em casa não há farinha, nem açúcar.

E lá se foram para faina do leite, o Zé e a filha.

Um instante depois, cada um saía para o seu lado.

O tempo estava nublado, a atmosfera carregada mesmo, prometendo chuva próxima, soprava uma forte ventania.

A rapariga foi-se pelas ruas um tanto inquieta.

– E o Valentim que não passara? Aquilo já eram mais de cinco e meia. Estava, ainda, assim, escuro por causa da chuva que se formara de repente.

E lá se ia pelas ruas, com o pensamento no rapaz, o olhar para um e outro lado sem se lembrar ao menos de gritar o leite fresco.

De repente, desabou aguaceiro.

Nesse tempo andava o José Honorato lá pela casa da Dona Josefa.

Mas passou a lufada.

E a Mariquinhas, que se recolhera à porta de um freguês madrugador, saiu de novo, e tão absorta nas suas conjecturas, que nem ouvia que o José Honorato a chamava por trás.

– Mariquinhas! Ó Mariquinhas!

A rapariga não ouvia.

– Ó, Mariquinhas!

Qual nada.

Ó Mariquinhas do leite!

Desta vez ela ouviu e reconheceu a voz.

Parou.

Oh! Homem, eu a te berrar pela rua e tu a dares para diante!

– Nem ouvi…

Nem ouvi quê, leva-me estas compras para casa que vou ali ajudar o Felipe a arrastar um defunto da estrada… arre! Que rapariga surda!

Maria empalideceu e cambaleou, atirando pelo peito do Honorato uma inundação de leite.

Oh, homem, lá me derramaste o leite da Freguesia na minha camisa de serviço, que rapariga estouvada esta!

– Quem é… o defunto, meu pai?!

Ora, sei lá, homem! Sei lá quem é o defunto? O que sei é que estou todo… enleitado!

– Mas, meu pai…

Vai-te, rapariga, que não sei quem é o defunto nem o Felipe ainda o viu, vieram chamá-lo e ele me mandou também chamar para ir ver quem é! Vai-te embora!

Mariquinhas retomou caminho de casa.

Seu coração palpitava com força e pela mente lhe passavam pensamentos lúgubres.

– Quem seria o morto?

Pensou no Manoel e no Valentim com um aperto cruel no coração amante e pressagiador, e estremeceu.

Em casa, continuou ansiosa, à espera de uma notícia, ao menos, que a sossegasse.

****

A cancela que abria do povoado para estrada larga do Gama era reforçada de bacuri, para que o galo a não abrisse e

não fosse espezinhar e socas, as roças e as resocas dos lavradores etc.

O homem que fora encontrado à beira do caminho tinha sido jogado ao meio da estrada pelo impulso que imprimira a cancela, quando a abrira para tomar o caminho.

Ele impeliu-a e ela voltou impetuosa, encontrou-o ainda de passagem e… zás... atirou-o longe.

A pancada fora violenta. E, o homem tinha uma perna fraturada e uma brecha na cabeça, caiu ali mesmo na saída, não pôde seguir caminho.

Naturalmente, não se pudera mais levantar e se arrastara para a margem do caminho.

Perdeu bastante sangue, apanhou toda a chuva que havia caído, porque estava encharcado, enlameado de sangue e terra. Mas não estava morto, nem ferimentos nem fariam morrer, se lhe cuidassem a tempo das feridas e fraturas.

Gemera dolorosamente por algumas horas e finalmente perdera os sentidos.

Quando, porém, o Felipe e o Zé Honorato viraram o corpo e arrastaram no para estrada, uma exclamação de pesar e de surpresa a um tempo, saiu-lhe dos lábios:

Oh, pois não é o Valentim?!

****

MISS ROSA

A Corrêa de Araújo

I

Bateram à porta.

Quem está? pergunta uma voz de dentro.

Sou eu… a rendeira.

Abre-se a porta e uma rapariga aparece com ares de petulante, dizendo logo:

– A menina Rosa não está em casa.

Mas… se não demora muito, poderia esperá-la, tem aqui umas rendas bem bonitas!

Pois então, acho melhor procurar quem lhas compre mais adiante, que a menina não vem tão cedo.

Ora, e eu que contava encontrá-la…

Mas, que velha enjoada, diz a pequena, batendo com a

porta, todos os dias vem para cá com as suas rendas muito malfeitas!

E a pobre senhora murmurou entre suspiros no corredor:

"Quanto tens, quanto vales; nada tens, nada vales!"

Nesse momento, porém, a cancela de ferro rangeu docemente e uma moça loira e esbelta assomou à porta da rua.

Ah! Estava aí, Dona Amância? pois vim agora mesmo da sua casa, disse ela, fui visitá-la e não havia lá ninguém.

Voltou-se a senhora e viu Miss Rosa diante de si, vestida de branco, muito simplesmente toucada, com um sorriso alegre e franco nos lábios, que a tornava mais bela.

Como é boa minha menina! não mereço tanto, pobre como sou… e, logo hoje, saímos todos a passeio.

Ora, deixe-se disso, Dona Amância, agora, entre de novo, vem almoçar comigo e conversar um pouco para me distrair, sim?

E rosa chamou: - vem abrir aqui, Maria!

Abriu-se a porta e a mesma rapariga apareceu; e, sem reparar na moça: – Gente ainda Dona Amância não foi embora? Ave Maria!

Ai!... aí!... Apresentada veja lá, disse Rosa, encolerizando-se, vai cuidar de suas obrigações, não admito que falte o respeito à pessoa alguma, ouviu? ninguém gosta de malcriados e insolentes!

Mas, Dona Rosinha…

Vá cuidar no serviço não quero ouvir mais nada!

Bem sabia Rosa que o gostinho da Maria era debicar a pobre senhora, ou recebê-la de mau modo, quando vinha bater à porta.

Vamos, Dona Amância, disse a moça meigamente, venha me mostrar as suas bonitas rendas. E atirou com a sombrinha

para cima de uma cadeira e o chapéu para outra, depois de haver entrado.

– Aqui está o nosso almoço quentinho, almoçamos primeiro, sente-se aqui.

Maria?

Senhora!

Venha servir a mesa, traga mais um prato, talher, copo e guardanapo. Venha já!

Momentos depois, apareceu a Maria, fez mais um lugar à mesa, atravessou os olhos para Dona Amância, que, se tivesse visto estremeceria; coitada!

Passou-se quase em silêncio a refeição, estavam ambas com boa disposição; a senhora rendeira, por bem poucas vezes achar esses manjares e a Rosinha por ter andado a passear nessa manhã, fazendo bastante exercício no seu automóvel.

Terminado o almoço, veio de novo a rapariga, tirou a mesa, e, ao levar os copos caiu-lhe um das mãos, por estar olhando maliciosamente para Dona Amância, fazendo-lhe uma careta, o que não escapou à menina Rosa, que a mandou embora para a cozinha com olhar Severo.

Agora, vamos ver as rendas, minha amiga, disse ela, levantando-se.

Abriu a senhora uma cestinha e tirou de dentro algumas peças de almofada feitas à mão, muito delicadas e lindas.

Oh! Com efeito, são lindíssimas, disse a jovem, desdobrando-as todas, e tão bem-feitas! que paciência! serão todas minhas não terá mais em casa?

Feitas, não senhora, mas poderei fazer.

Pois bem, quero mais uma peça de cada uma destas, e ainda quero encomendar muitas outras!

Oh! Mas, para que quer a menina tantas rendas, já me

tem comprado boa porção nestes últimos tempos!

Deixa estar, Dona Amância, faça, e o resto será por minha conta.

Pois sim, minha menina, mais, deixe que lhe faça uma pergunta… Dona Rosinha estará fazendo enxoval?

Adivinhou!

A menina está noiva então… tão caladinha?!

Ainda não!

Mas, como é isso?…não foi ainda pedida?

Ainda não pedi!

O quê?... Ainda não pediu, quê?

O moço, que há de ser meu noivo!

Então, gentes… onde já se viu isto? É a senhora quem vai pedir ou ele que vem?

Sou eu quem vai!

Ainda mais esta agora! Perdoe a pergunta da velha, mas se a senhora sua mãe fosse viva consentiria em…

Eu já o teria pedido. Escute, Dona Amância, a senhora me conhece desde menina, e conheceu minha boa mãe, que desapareceu deste mundo há dois anos, não é assim?

Oh! Isso é bem real! lembro-me também do dia em que a senhora e seu irmão, que está fora, chegaram do estrangeiro…

Dos Estados Unidos.

Sim, senhora, estava velha tão contente nesse dia, e chorou tanto quando o menino voltou!

Pois bem, sabe mais que sou rica, o que me incomoda às vezes, e fui educada naquele país livre, e quase lá tenho vivido e meu irmão; meus pais também ali estiveram muitos anos, aqui, porém, tivemos o nascimento.

Escute-me, lá nesse país as moças fazem tudo que imaginam, fumam, caçam a cavalo, andam de bengala, passeiam

livremente, conversam, brincam com os moços, sem vir mal algum nisso, saem sós, vão a toda parte, e quando algumas se encasqueta de pedir em casamento o namorado, ninguém se admira disso, está ouvindo?

E não se fala delas, então?

Qual, o quê? Lá é isso tudo muito natural!

Dona Amância ouvir a tudo de olhos arregalados e de boca aberta.

Pois, olhe, disse, não acho isso nada natural… que terra sem ordem… filha minha lá não ia, não senhora, para andar assim às soltas?!

Ah… ah… ah… D. Amância, pois lá é que se vive!

Vá se fazer isto aqui! Nem me lembro, quando chegaram, como se falava de sua família! quanto mais quando souberem do pedido e quem será esse filho de Deus?

Só o conheço de vista, não lhe sei o nome, nem conheço a família, só sei que é pobre e que gosta de mim.

Ora, esta! E como sabe que gosta da senhora?

Como sei!... Como soube que seu marido gostava da senhora, antes de pedi-la?

Ah, mas… eu olhava para ele…

E ele também fazia o mesmo?

Sim, mas…

Mas, não o pediu, não é assim? É que os tempos mudam, no da sua mocidade se usava saia balão, bandós, cachos postiços no cabelo, etc. etc. e tal… e agora não já se vê, pois que tudo mais vai mudando!

E para pior… as tais modas de penteado e trajes de hoje... livra! uns cabelos desgrenhados! E que talhes de casaco!? muito compridos na frente! as moças parecem mesmo perus de papos cheios! minha filha é que não usa.

Oh, Dona Amância, deixe disso, a Clorys está muito nova

e simplória, mas, em passando mais dois anos... hei de vê-la, ainda mais correta e aumentada, ir pediu o noivo!

Livra! Me diga isto brincando! minha filha? só se eu já tiver morrido!

Essa mesma Clorys há de fazer na sua presença, com o seu consentimento.

Dona Rosinha, vamos mudar de conversa?

Pois bem... passemos ao que me diz respeito.

Escute, Dona Amância, vou lhe contar agora como começou o meu namoro, para que julgue o meu procedimento, e, talvez, me dê até alguns conselhos… atenção:

Há três anos, quando vim pela segunda vez dos Estados Unidos com minha mãe, já doente, e que meu irmão ficou lá, terminando o curso de seus estudos…

Não interrompendo a conversa, Dona Rosinha, quando vem ele?

Talvez breve, mas, como ia dizendo:

Lembro-me bem; na ocasião do nosso desembarque, um rapaz, na rampa, deu a mão a minha mãe para ajudá-la a saltar do escaler, o que custou bastante a mim e a ela, coitada, estava com as pernas bem inchadas já nesse tempo!

Eu não cheguei a dar-lhe a mão, saltei ligeira e agradeci-lhe com um sorriso e simples cumprimento com a cabeça, o que me valeu uma observação da mamãe: "Devias ter sido mais delicada para com aquele rapaz, que foi o tanto para conosco, minha filha" - me disse ela, voltei-me e então vi que o escaler em que tínhamos vindo já se havia feito ao largo e levava o moço a seu bordo.

Reparei, ou, por outra, recordei-me depois que havia ele pronunciado o meu nome e o de minha mãe ao cumprimentar-nos, e, coisa singular, minha mãe ao lembrar esse fato, tempos depois, terminava sempre assim:

Não me é desconhecido aquele rapaz não sei onde já o vi!

E eu, à força de procurar rever na ideia aquelas feições, acabei por trazer a imagem do mancebo sempre diante dos meus olhos, tal como havia visto naquele dia com a sua farda.

Passou-se o tempo; antes da morte de minha mãe, pela tarde de um desses tristes dias da minha vida, fui debruçar-me à janela da sala com o coração apertado e os olhos cheios de lágrimas, escapou-se-me das mãos o lenço que eu tinha e foi cair na testada.

Logo depois, sentir passos e vi que um moço curvava-se e, quando ergueu-se com lenço, levantando o rosto, fiquei estática, confusa mesmo.

Caiu-lhe até o lenço das mãos também. Apanhou-o, porém, de novo e entregou-mo. Cumprimentou-me e dobrou a esquina.

Aquele semblante era o mesmo que eu trazia no pensamento.

Dias depois, morreu minha mãe. Decorrido um mês, quando saía da missa, que fui ouvir por intenção dessa minha melhor amiga, encontrei-o ao portal da igreja.

Findo o meu luto, procurei-o debalde em todas as reuniões, passeios, festas, e, cada vez mais distinta, mais nítida, via a sua imagem, sempre diante dos meus olhos.

Há dois dias, porém, de volta de um passeio, encontramo-nos aqui perto de casa.

Reconheci-o logo, está mais gordo, mais alto e mais simpático ainda.

De forma que este rapaz parece não habitar nesta cidade, interveio Dona Amância, depois de ter ouvido toda a história.

É verdade, assim também eu creio retorquiu a moça.

E como ele é, Dona Rosinha?

Corpo e estatura regulares, rapaz elegante, um tanto

moreno, corado, olhos grandes, muito expressivos, cabelos crespos, bem negros como o bigode; acho que é militar, pois sempre eu vejo fardado, e como lhe vai bem a farda, Dona Amância!

Esta mexeu-se na cadeira, e, um tanto inquieta, perguntou de novo:

Mas, como sabe a menina que ele lhe tem afeição? Aí é que quero chegar...

A jovem não respondeu logo, tirou, porém, a bolsa e de dentro desta uma pequena fotografia.

Aqui tem a prova mais evidente, disse apresentando-a achei isto debaixo das folhas da janela da sala, onde costumo ficar pela manhã e à tarde. Como veio aí parar, não o sei… quem lá deixou, não vi… o que sei é que é ele todo inteiro!

A boa senhora pegou o retrato e pôs os óculos.

Oh! Exclamou, levantando-se como impelida por uma mola! Santa Maria!… É este! Este rapaz?... Meu Deus!

Conhece-o, D. Amância! Conhece-o, então?... diga depressa!

Senhora olhava espantada para fotografia, sem responder.

Diga, Dona Amância, diga logo! insistiu a menina, sacudindo-lhe o braço, como para despertá-la.

Assim, como o retrato das mãos, caíram-lhe os óculos do nariz, e os olhos arregalaram-se.

Este rapaz, gentes! Este rapaz…

Quem é, Dona Amância, quem é?

Não sei… mas…

Diga, por favor dona Amância, diga-me logo!

Espere, a menina também põe os outros em uma atrapalhação dos trezentos!

Mas, se a senhora fica assim… calada! Diga logo!

E o que devo dizer, se não sei… ao certo, menina, ora esta!

Pois diga então o que sabe!

Sei lá de nada, menina! deixe ver outra vez o retrato!

E a pobre senhora, toda trêmula e assustada, ainda revia a fotografia.

Volteava-a entre os dedos, procurando dominar a confusão em que se achava.

Por fim, já mais serena:

Olhe, Dona Rosinha, vou ver se descubro isto…qualquer dia trar-lhe-ei a resposta.

Ah! Então parece ter a ponta da meada, Dona Amância, disse a moça radiante. Pois bem, sou eu quem irá buscar a resposta, depois de amanhã, valeu?

Pois bem, vá lá, respondeu a senhora com um sorriso malicioso, vá lá.

Pego-lhe na palavra! agora minha velha amiga, passemos ao que deu começo à conversa, vamos às rendas.

Quer então muitas?

Sim, quantas puder fazer, traga-as todas.

É verdade, minha amiga, esqueci-me de lhe participar, amanhã chegará meu irmão, e conto com o jantar com a senhora, a Clorys, e o senhor seu filho, que não sei ainda como se chama.

Álvaro.

Já é moço?

Já… minha senhora.

Ainda não tenho a dita de conhecê-lo, também nunca o vejo; quando tem estado aqui, estou sempre fora, mas a mamãe ouviu em pequeno, sempre me dizia que era uma boa criança.

Até hoje tem sido sempre bom, mesmo de longe, e depois de moço.

Em que se emprega ele aí por fora anda embarcado?

Sim… a bordo, disse Dona Amância, um tanto indecisa, como quem prega uma peta… é a bordo mesmo.

Rosa não reparou, e continuou: como ia dizendo, minha boa amiga, espero-os sem falta para o jantar, e, não os perdoarei se faltarem!

Faremos o possível, Dona Rosinha, mas como sabe, somos pobres, e não podemos comparecer assim em…

Por isso não, saiba que não virão aqui outras pessoas, além da senhora e seus filhos, será um jantar todo íntimo.

O senhor Niarcho já nem me há de conhecer mais, pois foi daqui menino.

Hei de lhe avivar as recordações, ele não é também de todo mal rapaz tem o gênio igual ao meu.

Bom, Dona Rosinha, vou procurando o caminho de casa, já lá se foi o dia, disse a senhora, erguendo-se.

São quase horas do jantar, não janta comigo?

Não, minha menina, virei amanhã.

Pois bem, até amanhã, disse a moça, acompanhando a senhora até a porta e, depois de amanhã, conte com esta sua criada lá.

Pois sim, com muito gosto.

Rosa comeu pouco ao jantar, e foi se deitar cedo, um tanto impressionada com o susto manifestado por Dona Amância.

Esta foi todo o caminho monologando: Ah! maganão! Não me deu um retrato! Mas, entrou em casa satisfeita, e passou o convite aos filhos.

Não poderei ir, respondeu logo o rapaz, tenho serviço amanhã a essa mesma hora… não posso.

Meu filho, não te quero contrariar, retorquiu à mãe, fitando-o demoradamente com ternura, desde que o motivo é justo,

irei só com tua irmã. E nisto cifrou-se a conversa entre os três.

No dia seguinte, às quatro da tarde, pouco mais ou menos, Rosa fora receber à porta sua velha amiga e Clorys, que haviam chegado.

Em seguida, um bonito moço, alto e loiro, feições corretas, veio-lhes apertar as mãos com toda delicadeza e simplicidade.

Era Niarcho.

Seguiram-se as apresentações e trocas de elogios, um pouco de conversa trivial e depois o jantar.

Correu a copiosa refeição com bom apetite e no final as saúdes. Depois do que foram todos para o terraço, onde passaram horas agradáveis, aspirando o delicado perfume das flores do jardim, e sentindo de quando em vez as meigas carícias da brisa fresca.

eram oito horas da noite, quando as duas senhoras se retiraram, acompanhadas até a casa por Niarcho, que afavelmente se oferecera para esse fim.

Nunca havia Clorys falado tão entusiasmada por um rapaz, nessa noite, antes de se ir deitar.

Rosa não notou a falta do filho de Dona Márcia, nem perguntou por ele.

Na manhã do outro dia, levantou-se muito prazenteira, e contou toda a sua história ao irmão com essa franqueza e naturalidade das americanas não esquecendo a promessa da sua velha amiga.

Riu-se ele, e disse, acendendo um cigarro:

Pois já vai saber o resultado desse negócio, e traz-me notícia de miss Clorys, que me não sai da ideia.

Então, até logo, volveu a moça, colocando o chapéu, e saiu.

II

Precisamos falar agora um pouco da família de Dona Amância.

Essa boa senhora era viúva de um negociante que havia quebrado, talvez por ser muito honrado, e morrido em consequência desse grande abalo.

Homem trabalhador e honesto, como era, morrera desgostoso, deixando um casal de filhos ainda bem pequenos com a pobre viúva, a quem só legou dívidas, que foram pagas com grandes esforços.

Dona Amância era religiosa e resignada, criou os filhos e educou-os com toda a solicitude e desvelo; fez da menina uma moça sensata, o exemplo do trabalho, e incutiu-lhe na alma os melhores sentimentos.

Clorys era muito meiga, assim o mostravam os seus grandes olhos castanhos, desse moreno rosado, que os poetas cantam, e tinha sempre na boca muito vermelha e pequena um sorriso engraçado.

O menino, logo que completou 12 anos, um seu tio paterno, capitão de um desses navios mercantes, levou-o consigo e empregou-o a bordo.

Tempos depois, escreveu à viúva nestes termos:

"Quero fazer alguma coisa deste rapaz, que é bem aproveitável, hei de trabalhar para isso, vou lhe dar a escolher algum meio de vida, porém, sendo assim só poderá vê-lo daqui a alguns anos, ou, de quando em vez; conforme-se, pois".

Foi um presente do céu; A pobre senhora chorou, mas bendisse, ao mesmo tempo, a Deus.

Qual a carreira que seguiu o rapaz, saberá o leitor mais

tarde, com a continuação da leitura.

O que posso garantir é que era um excelente mancebo, muito querida do tio, dos amigos e das moças.

III

Oh! de casa! licença para uma! Gritaram da porta.

Entre, Dona Rosinha, respondeu Clorys, correndo ao seu encontro, pois a porta já se tinha aberto e Rosa se dera entrada

Que é da sua mamãe? perguntou.

Está atrapalhada a colocar um papelão de renda na almofada ali para sala das refeições, vamos lá.

E encaminharam-se as duas.

Oh! teve palavra então! Exclamou Dona Amância ao vê-la, deixando a renda.

Mas Rosa tinha soltado um pequeno grito e pálida, parada à entrada, parecia prestes a desmaiar, mal se sustendo de pé.

Que foi? o que tem! Dona Rosinha, perguntava aflita a Clorys, chegando-se para ela.

Dona Márcia, como se prevenida, correra a buscar um frasquinho de éter. Álvaro erguera-se bruscamente da cadeira fronteira em que estava sentado e retirou-se.

Quando a jovem reanimou-se, correu a vista pela sala e passou a mão pela testa coberta de suor e, encarando as duas senhoras, perguntou:

Quem mais estava aqui?

Era meu filho, minha senhora, respondeu a viúva, com ar risonho.

Mas o que sente, Dona Rosinha? perguntou entristecida Clorys, que era a mais inocente no ocorrido.

Respondeu a moça, procurando dominar-se, foi uma forte dor no coração, que me costuma dar às vezes… mas, já

passou.

E, fitando severamente a viúva, que ficou logo atrapalhada e trêmula, disse:

Voltarei amanhã, Dona Amância, sinto-me hoje incomodada, desculpem, até amanhã, Clorys, e saiu precipitadamente.

Ao chegar à casa, caiu nos braços do irmão e contou-lhe tudo.

Era ele e tens certeza disso? Perguntou-lhe Niarcho.

Sim, é ele!... Ele mesmo!... dá-me um conselho, o que devo fazer agora?

Esteve um momento pensativo o moço e respondeu de súbito:

Quis Dona Amância fazer uma surpresa e pregar-te uma peça, porque logo o reconheceu no retrato, ou então ficou agoniada, julgando ser seu filho e quis certificar-se… agora, desforra-te!

Mas como?

Faz-lhe passar também um mau quarto de hora.

De que modo?

Fazendo com que a filha me peça em casamento!

Ah, muito bem! E eu?

Pedirás depois o rapaz para teu esposo.

Eu?

Sim!

Pois bem!

No dia seguinte, a nossa jovem apaixonada foi de novo ter à casa da velha amiga.

Oh! D. Rosa, já está boa? Perguntou-lhe a viúva, vindo-lhe ao encontro.

É verdade, Dona Amância, mas a demora não pode ser longa, tenho hoje muito que fazer, vim só para pedir-lhe um favor.

O que é?

Estou com as mãos ainda muito trêmulas de ontem, preciso escrever para um parente, meu irmão saiu a passeio, e eu queria que me deixasse a Clorys escrever.

Pois não, minha menina.

Clorys, venha cá, está aqui a nossa amiga Dona Rosinha, gritou a senhora.

Instantes depois, Rosa ditava, e Clorys escrevia uma carta correta, bem redigida e breve, pedindo a mão de um cavalheiro.

Mas quem é este moço? Perguntou a rapariga, um pouco intrigada, antes de terminar, tem o mesmo nome do senhor seu irmão!

E não é um nome bonito?

Muito bonito!

O que achas mais bonito, meu irmão ou seu nome?

Baixou ela os olhos, muito corada, respondeu confusa:

Ele e o nome.

Rosa sorriu-se e, tomando-lhe a carta, assinou-a, dobrou e sobrescritou, chamando em seguida Dona Amância.

Pode-me fazer mais um favor, minha boa amiga? perguntou.

Pois não, Miss!

Leve-me esta carta de nossa casa a Niarcho, já deve ter voltado, quero uma pessoa certa como a senhora.

Irei já.

Pois vá.

Depois de ter saído a viúva, Rosa conversou com a boa Clorys e contou-lhe toda a original história, que a menina ignorava até então, e mesmo o fim da carta que escrevera.

Assinei o teu nome, minha querida, e só assim ficarei vingada, disse Rosinha.

Mas mamãe ficará zangada comigo.

Não terá razão, fui eu quem mandou.

Mas ela não sabe!

Saberá depois.

Mas eu sou pobre…

Deixa-te de tolices.

E o Álvaro, que é tão esquisito, Dona Rosinha!

Por única resposta, tirou a jovem da carteira a célebre fotografia e mostrou o inverso a Clorys.

Ela leu:

"O pobre não deve amar. O coração, porém, não obedece ao dever, e sim ao amor".

Se disser que não casar um pobre com um rico é dever, não me ama então!

É verdade! respondeu Clorys, se suspirando e lembrando-se de Niarcho.

Rosa revia a Álvaro na mente, tão elegante, vestido de militar, com porte garboso de um altivo defensor da pátria.

IV

Não descreverei aos leitores a cara com que ficou Dona Amância, quando Niarcho lhe cientificou do conteúdo da carta, avaliem!

Só direi que, um ano depois, tomavam passagem para os Estados Unidos dois jovens pares recém-casados, de ares distintos corretamente trajados, acompanhados de uma senhora ainda bem disposta e uma rapariguita muito viva um dos melhores vapores da Companhia; não sei se os reconhecerão aos vê-los embarcar.

Foram a um longo passeio.

O MEU PRIMERO CONTO

Ao Dr. Jerônimo Viveiros

Querem ver que as minhas gentis leitoras julgam que o meu primeiro conto tenha sido, talvez, escrito à luz suave de algum candeeiro de querosene, em alguma fria noite de inverno ou, mesmo, em fresca noite de verão, à frouxa luz do gás ou de uma vela, não é verdade?

Pois, enganam-se.

Julgam também que foi sentada, sossegadamente, junto a minha escrivaninha de hoje?

Outra vez enganadas. Esta minha escrivaninha ainda não existia talvez, por esse tempo. Ah! Minhas queridas, se soubessem… se soubessem quanto me custou o meu primeiro conto!

Mas… posso contar-vos, ora esta não há nenhum segredo nisso e… depois, bem sei que as minhas gentis conterrâne-

as, alegres e curiosas não darão o cavaco por saberem de umas tantas coisinhas interessantes.

Pois lá vai:

Cá para nós, eu nunca fui matemática de… pulso, franqueza no caso!

Tinha bem pouca idade, quando, antes do tempo, meteram-me nas mãos uma ardósia e um lápis de lousa, em recompensa as minhas travessuras. Fiquei logo intrigada desde a primeira operação.

A principal coisa que fiz foi deitar fora o lápis; deram-me outro, dê-lhe o mesmo destino. Deram-me o terceiro, a mesma coisa. Puseram-me de castigo.

Nesse dia, não comi frutas ao jantar, não fui passear com as minhas amigas e fiquei parte do dia sentada numa cadeira a um canto.

Fiquei zangada, chorei, solucei; mas, daí em diante, nunca mais deitei fora os lápis de lousa.

Oh! Deus! que ódio tinha eu das quartas-feiras! Lições de cálculo, argumento… que tristeza me empolgava o espírito!

E, ai de mim, se em outro qualquer dia fazia uma das minhas costumadas travessuras… se cometesse um pecadinho infantil! Castigavam-me com quatro operações de enfiada… que horror!

Nunca frequentei escola primária aprendi, em casa, a ler, escrever, contar e cozer. Era discípula de quase todos, mas as minhas principais professoras foram as minhas caras madrinhas do batismo e da crisma.

Eram ambas muito ríspidas comigo porque não fui de brinquedo, ninguém se fiasse na minha carinha inocente

A ambas eu respeitava cegamente, mas a madrinha de crisma com dobrada cegueira, porque não me deixava pisar em ramo verde; a essa respeitava mais que a todo mundo, porque

os seus beliscões eram formidáveis.

Era esta que me passava os tremendo os cálculos e me castigava com eles.

A minha madrinha de batismo escolhia, de preferência, para me castigar quando eu pecava, e me fazer recitar poemas inteiros, mas… enormes!

Ai… que cacetada me parecia então aquilo tudo!

Chorava de desgosto, de raiva, ficava furiosa, votava um ódio entranhado a tudo quanto era poesia.

Parece incrível, mas eu tinha até medo de versos.

Não imaginam o meu martírio quando me punham de pé no meio da casa, trepada no banquinho, para mais sentir o castigo, pois era bem pequena, a recitar o I-Juca Pirama[1], de Gonçalves Dias , mas todo… , pois já o dizia todinho de cor a recitar a Judia, de Thomaz Ribeiro[2], e outros mais poemas, que eu, como travessa e tola, odiava, odiava mesmo!

Quantas vezes não abri num berreiro antes de começar ou no meio, quando me esquecia ou perdia o fio e ficava encalistrada! Quantas vezes não recitei choramingando, calada desse choro, às vezes, por uma dessas promessas que se costuma fazer as crianças – dou-te um brinquedo!

Foi por isso que I-Juca Pirama e a Judia se me gravaram, desde esse tempo na memória e bem no fundo da alma depois, para só se me apagarem com a morte.

Mas, deixemos as poesias e vamos ao tal conto.

Lembro-me bem, não sei que diabrura tinha eu feito nesse dia - passaram-me um enorme cálculo de divisão.

1 I-Juca Pirama, longo poema indianista escrito por Gonçalves Dias (1823-1864), famoso poeta do Romantismo brasileiro. (Nota do Editor)

2 Thomaz Ribeiro (1831-1901) foi um político, advogado e escritor português que era muito apreciado por seus poemas ultrarromânticos, Judia era um de seus poemas mais conhecidos entre os amantes da literatura do final do século XIX. (Nota do Editor)

Também não sei onde tinha e ouvido esse dia o nome de – Priscila, que me tinha ficado nos ouvidos e na mente.

Que lindo nome, pensava eu, Priscila! E eu comecei a pensar mil coisas sobre o tal nome.

Nesse dia, sentei-me na minha cadeirinha de estudo, unida de um pedaço de lápis e meia folha de papel almaço.

Olhei para ardósia, que conta enorme!

Escondi o papel por baixo da lousa e comecei a escrevinhar, muito atenta e compenetrada, mais ou menos isto:

Priscila era uma menina muito ajuizada que não gostava de fazer cálculos de divisão. Todas as quartas-feiras chorava muito pela manhã cedo e…

Nisto senti que me puxavam, vigorosamente, as orelhas e me arrancavam das mãos o meu conto em embrião.

Lá se tinha ido toda minha elucubração por água abaixo!

Que lágrimas ardentes chorei nesse dia! Chorei muito, porque, ainda por cima, via em pedacinhos o meu papel escrito com tanto carinho! Nunca me hei de esquecer desse pranto.

Foi o meu primeiro desgosto; foi a primeira vez que senti virem minhas lágrimas bem do fundo da alma, esqueci completamente, a dor física, só me lembrava do meu papelzinho escrito.

Tive uma crise de raiva, tive ímpetos de fazer, também, em pedaços a minha ardósia, amaldiçoei do íntimo da alma com toda a dor do meu pranto de criança, todas as aritméticas, levantei-me transfigurada.

Está com malcriação, gritavam, não comerá sobremesa hoje e amanhã! Fará agora as quatro operações fundamentais.

Caí sem forças sobre a cadeira e curvei-me à sentença, sem outro remédio, triste como uma condenada.

Passaram-se os dias. Priscila não me saía da memória. Imaginava-a do meu tamanho, do meu tipo e da minha força. Cada vez mais, sentia crescer-me o desejo de escrever alguma coisa sobre essa figura que me acompanhava, em mente, a toda parte.

Coisa esquisita! Posso, mesmo, afirmar-vos que cheguei a tê-la como companhia inseparável dos meus pensamentos de criança, das horas solitárias, e, até, em alguns dos sonhos que me embalam na infância os sonos inocentes.

Sonhei, sim sonhei várias vezes com essa menina misteriosa, que se me assegurava morena, travessa e risonha.

Deve ser assim a imagem suave do querido enamorado que povoa as vossas cabecinhas jovens e se aninha, minhas queridas, nos vossos corações apaixonados!

Uma noite, era uma terça-feira, eu estudava a lição de cálculo para o dia seguinte.

Que sono me estava a apoquentar nessa noite!

Bocejei, espreguicei-me, por fim, arranquei do livro uma página em branco, logo do começo, e escrevi, descuidada da minha mestra, uma coisa semelhante a isto:

Priscila era tão criança! Tinha apenas 11 anos (a minha idade!) Era tão travessa que estava sempre de castigo. Coitada de Priscila…

E adormeci arrebatada por um sono invencível à reação das minhas diabruras do dia.

Quando acordei, daí a instantes, talvez, vir junto de mim a minha mestra de cálculos encolerizada que me sacudia e dizia.

Coitada de Priscila…coitada de Priscila!

Isto é que a lição que estás a estudar?

Isto só… a muitos beliscões! (E atacou-me um tremen-

do!) Não sei agora de onde saiu mais isto de Priscilas (outro beliscão patente!) Assim que estás a estudar?

Pois vá deitar-se… imediatamente!

Não toma chá com torradas… vá dormir!

Coitada de ti amanhã que hás de fazer conta o dia inteiro.

Plantei-me triste ponto de pena, perder meu chá com fatias de pão com manteiga… eu que gostava tanto!

Ter que fazer no dia seguinte tantos cálculos! Que noite iria eu passar, pensei então, que noite!

Desta vez não tinham rompido a minha produção em começo, mas, ma tinham tomado.

Meus olhos encheram-se de pranto, apertei junto do peito e o pedaço de lápis que me ficara e, minutos depois, adormeci no meu leito.

Que sonho horrível eu tive nessa noite! Que sonho!

Acordei alta noite sobressaltada, saltei da cama, gritei com toda a força e acordei todos em casa.

Foi um susto geral!

Levantaram-se, quase todos estremunhados, com a mesma pergunta de espanto:

O que é isto?! Que é isto?!

Eu chorava, copiosamente, de pé no meio do quarto.

– Mas… que é? Que é?

Eu continuava a chorar, a chorar

– Que tens?... Dize!

Choro.

– Fala menina… que é que tens?

Estou com… medo… de urubu, respondi finalmente entre soluços.

Abriram todos na gargalhada.

Abri o queixo deveras, chorei com toda a força dos meus pulmões - rirem-se de mim! Eu que não estava chorando só de

medo não era só de medo que eu chorava. Tinha visto, também, em sonho, a minha Priscila morta… e um grande urubu, mas, uma ave medonha, colossal, enxotar-me de junto do corpo da minha misteriosa amiguinha; a ave quis estraçalhar-me, foi então que acordei.

Vendo que não me calava, começaram a agradar-me de mil formas, a intimidar-me, enfim, a empregar todos os meios para que cessasse o meu berreiro.

Afinal, calei-me e adormeci soluçando, soluçando, com pena da minha Priscila que me tinha morrido em sonhos!

Amanheci triste, convencida de que não veria mais o meu duende trigueiro. Acharam conveniente não me fazerem estudar nesse dia, perdoaram-me os cálculos.

Fiquei assim alguns dias, macambúzia, calada, sem rir, quase nem brincar, compenetrada da verdade do meu sonho.

Perdi até o apetite.

Estranharam-me em casa.

Atribuíram tudo a uma indisposição do estômago, devido às frutas verdes ou quentes do Sol.

Deram-me um vomitório; fiquei privada de comer gulodices.

Tinha eu, porém, três dias de dieta, quando, não me lembro quem, mandou-nos de presente uma compoteira de doce de coco.

Eu era doida por doce de coco.

Não comerás, disseram-me logo.

Que pena, o doce estava tão cheiroso, coberto de canela…

Não, isso também era demais, não pude resistir.

Pilhei-me um instante só com a compoteira de doce… era uma feia ação, lá isso era, mas… a gula venceu-me.

Deitei um pouco no pires e comi.

Fomos jantar. Aí me disseram todos:

Não comas desse doce! Isso é um veneno para vomitório…

Ninguém dê desse doce a Laura.

Estremeci dos pés à cabeça, tive um calafrio. Irei morrer, pensei, estarei envenenada?

Lembrei-me de Priscila - ela teria tomado o vomitório e comido doce de coco?

Levantei-me da mesa fui buscar o meu lápis e um pouco de papel.

Mas, tão desastradamente fui, que derramei o tinteiro de sobre uma escrivaninha por cima de mim e sobre tudo que lá estava.

Ralharam-me, asperamente, chamaram-me Maria Borralheira e as minhas companheiras fizeram troça do meu vestido todo sujo.

Fiquei furiosa com as caçoantes, disse-lhes muitas malcriações e o resultado foi ficarmos todas de castigo, de pé nos cantos da sala de jantar voltadas para a parede.

Ia começando a chorarmingar, quando lembrei-me que tinha na mão o meu inseparável pedaço de lápis e o papel que tinha conseguido antes da catástrofe da tinta.

Foi-se-me o pranto… que doce consolo!

Comecei a escrever então de encontro à parede, mais ou menos assim:

Priscila tinha tomado um vomitório. Em casa havia uma compoteira de doce de coco, não queriam que ela comesse, mas… Priscila gostava muito desse doce e… tirou um pouco escondida e comeu depressa para que ninguém a visse. Foi um veneno; no outro dia, estava morta. Viu-se um grande urubu…

Neste ponto ouvir que diziam:

– Podem sair!

Saí do canto muito desconfiada.

– Estás sentindo alguma coisa, Laura?

Não, senhora…

– Vem cá, talvez tenha alguma coisa.

Não senhora….

– Estás com fome?

Não, senhora…

– Vai brincar com as outras.

Não, senhora…

– Não senhora o quê? Que é isso que tens nessa mão?... Vem cá… não senhora… não senhora… que é isso?

Fiquei calada.

– Vem cá!

Eu… impassível.

– Não ouviste?

Nada.

Minha mestra levantou-se, tomou-me o papel e leu-o.

– Ora, sim, senhores!... Pois… Laura não comeu do doce de coco?!

Comeu? Perguntaram ou outros.

Comeu… ora, se não comeu!

E leu toda, em voz alta, a minha garatuja, dizendo ao terminá-la:

Essa Priscila… é ela!

Riram-se a bandeiras despregadas; hilariedade geral!

Eu estava de cabeça baixa, como um réu à espera da sentença.

Hás de pagar-me tudo isso, sentenciou minha mestra, não comerás frutas, doces toda esta semana, nem irás aos passeios.

Comer doce de coco! Isso é mesmo um veneno… have-

mos de ver!

Chegou meia-noite, meti-me na minha rede com um medo horrível, julguei ser essa a minha última noite de vida, fui acometida de suores frios e de tremores; daqui a pouco vieram me calafrios horríveis, batia-me o queixo.

Pela manhã ficaram todos aflitos ao verem-me. Tinha um febrão.

Fui rodeada de mil cuidados por minha mestra ela era muito carinhosa com os doentes.

Pensei em minha mãe e minha madrinha de batismo, que estavam ausentes; que tristeza invadiu toda a minha alma.

É preciso que saibam que eu estava passando tempos no interior do Estado, em Guimarães, lá não havia médicos.

À noite, porém, foi visitar-me um senhor que tinha muitos filhos e curava pela homeopatia, com alguma prática.

Que é isto? Perguntou-me.

Estou… envenenada, respondi.

– Envenenada?! Envenenada com quê?

Com doce de coco...

Ah… ah… ah… então…doce de coco algum dia envenenou alguém, menina?

Minhas amiguinhas começaram a chorar. Os outros circunstantes riram-se devagar da nossa ingenuidade.

Isso não é nada, continua o senhor, vocês… impressionaram esta menina, ela está muito nervosa!

Mandem-na lá para casa brincar uns dias com meus pequenos

E deu-me não sei que remédio.

Fui para casa do bom senhor; lá passei quinze dias de pândega, esquecida completamente do meu envenenamento e até de Priscila.

Voltei curada; Priscila teria morrido, com efeito, até na

minha imaginação? Mas havia deixado, na sua passagem, como que um luminoso rastro, (pelo qual tem caminhado, até hoje, o meu espírito, quando se eleva às misteriosas plagas do sonho) que me confundia sempre.

Dias passaram-se, meses, anos e, lá uma vez, numa tarde chuvosa, vendo eu, contemplativa, as grossas bagas de chuva fustigarem os vidros da janela do meu quarto, lembrei-me de súbito do meu trigueiro duende.

Era já uma raparigota agora, mas, por infelicidade minha… não se parecia mais comigo… era bonita!

Então escrevi, com pena e tinta, um pequeno conto, confuso, friorento, inspirado por uma tarde úmida e triste onde uma trigueira rapariga de grandes olhos negros e boca vermelha morria de frio de fome a porta de um convento em ruínas.

E assim escrevi afinal o meu primeiro conto…

Digam lá o que quiserem!

Mas, me custou bem caro o tal conto!

Hoje, porém, quando me lembro que com os cálculos matemáticos veio-me ainda que indiretamente o gosto pelas minhas pobres historietas, sinto bem dentro de mim uma espécie de gratidão glorificar a todos os matemáticos do mundo e uma espécie de adoração à minha velha ardósia.

E diante do I-Juca Pirama, Que tantas vezes me revoltou com a sua enormidade, curvo-me agora e sempre cheia de respeito, cheia de adoração, porque com ele aprendi a amar poesia, mesmo sem saber cultivá-la.

Não poderei esquecer, também, às minhas caras madrinhas, as minhas professoras primárias, cujos castigos infligidos na minha infância me foram tão proveitosos, me souberam tanto!

Gratidão eterna!

E… Priscila?

Seria ela a minha pobre musa de hoje, pequena, como eu era naquele tempo? E eu não a compreendia talvez!

Não sei.

Este E-book foi composto em tipologia Garamond (3) 10 / 13
e em Agency FB 39.
As ilustrações foram elaboradas com o auxilio de Inteligência Artificial, portanto, não possuem direitos autorais

ISBN: 978-65-00-75671-5